

USA TODAY
BESTSELLING AUTHOR

Dawn
Brower

Nunca
Desafie
uma
Endiabrada





nunca desafie uma
endiabrada

DAWN BROWER

TRADUZIDO POR
EVELYN M MARTINS

contents

[Agradecimentos](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a Autora](#)

agradecimentos

É aqui que agradeço, profusamente, à minha editora e artista de capa, Victoria Miller. Ela me ajuda mais do que consigo dizer.

Agradeço por tudo o que ela faz, porque me pressiona a ser melhor... a fazer melhor. Obrigada mil vezes.

Também agradeço à Elizabeth Evans. Obrigada por sempre estar presente para mim e ser minha amiga. Você é muito importante para mim. Dizer obrigada não é o suficiente, mas é tudo que tenho, então, obrigada minha amiga, por ser você.

nota da autora

Às vezes, o desafio certo pode levar você até a pessoa certa. Não desista do amor, e se a oportunidade se apresentar, aceite esse desafio. Alguns riscos valem a pena correr.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produtos da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia e não devem ser interpretados como reais. Qualquer semelhança com locais reais, organizações ou pessoas, vivas ou mortas, é totalmente coincidência.

Never Dare a Hellion © 2021 Dawn Brower

Arte de Capa por Midnight Muse

Edição por [Victoria Miller](#)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida, por meio eletrônico ou impresso, sem permissão por escrito, exceto no caso de breves citações incorporadas em resenhas.



Created with Vellum

prólogo

Uma brisa quente de verão despenteava os cachos pálidos de Lady Christiana Neverhartt, deixando-os soltos. Não que se importasse. Sua criada teria um ataque quando precisasse desembaraçá-los mais tarde, mas por ora, valia cada segundo que ela passava ao ar livre. Odiava ficar trancada lá dentro. Na maioria dos dias, os pais dela não davam atenção. Eles estavam muito envolvidos nos próprios assuntos, o que, para Chris, estava tudo bem.

— Para onde estamos indo? — Carolina perguntou. Os cachos louros de sua irmã gêmea foram trançados, e nenhum fio ousava sair do lugar. Chris e Carly eram idênticos na aparência, mas Chris tendia a ser mais indisciplinada em personalidade e forma. — Não deveríamos entrar?

— Carly, estou desapontada com você. — Chris torceu o nariz. — Há coisas mais aventureiras do que enterrar o nariz em um livro.

— Eu poderia dizer que estou tão desapontada com você quanto. Uma mente bem-educada a ajudaria muito mais na vida do que todas essas peripécias que você inventa. — Carly levantou o queixo. — Além disso, certas aventuras só podem ser descobertas de verdade nas páginas de um livro. Damas não têm as mesmas escolhas que os homens.

— Bem, não me importo. — ela informou à irmã. — Farei o que eu quiser, e cada cavalheiro que entrar no meu caminho se arrependerá do dia em que tentar me parar.

Carly deu uma risada.

— De alguma forma, acredito que fará isso mesmo. — ela balançou a cabeça. Não sou tão corajosa quanto você.

— Mas é muito mais esperto. — Chris falou. — Temos que usar os dons que nos deram se esperamos ter alguma voz em nossas vidas. — ela abraçou sua irmã, em seguida, recuou. — Não se preocupe, vamos ficar bem. Serei corajosa o suficiente por nós duas.

Ela pretendia fazê-lo de todo o coração. As irmãs mais velhas delas, Billie e Teddy, tentavam ajudá-las, mas elas só poderiam fazer um tanto. Era assim que as coisas eram. Chris e Carly mal fizeram quinze anos. Teddy era dois anos mais velha, e Billie três. Seus pais não foram os melhores e, muitas vezes, as negligenciaram. Chris temia o que aconteceria se o pai delas acabasse falindo de vez.

— Não preciso que seja corajosa por mim — Carly disse, tirando Chris de seus próprios devaneios. —, preciso que você seja um pouco mais atencioso com as consequências para suas ações.

— Não posso prometer nada. — disse Chris, solene. — Sempre as quebro, e você sabe disso.

Carly suspirou.

— Muita. Vamos fazer algo menos arriscado hoje e, em seguida, posso voltar para o meu livro.

— O que tem em mente? — Chris ergueu uma sobrancelha.

Não seria nada tão ousado como o que ela planejava, mas Carly conseguia surpreender de vez em quando.

Sua gêmea inclinou a cabeça para o lado e bateu com o dedo indicador no queixo.

— Não cavalgamos há algum tempo.

— Só temos um cavalo. — Chris revirou os olhos.

No aniversário delas, do ano anterior, o pai as presenteou com um cavalo, para compartilharem. Era irritante porque não podiam cavalgar juntas. No entanto, foi uma surpresa que ele tivesse dado algo tão extravagante. Em qualquer outro aniversário, tinham sorte se ele se lembrasse. Elas adoraram aquele cavalo.

— Podemos cavalgar juntas, será divertido.

— Não considera muito arriscado? — ela ergueu a sobrancelha.

— Não poderemos cavalgar direito se fizermos isso.

— Então, não cavalgaremos do jeito certo. — Carly respondeu e, em seguida, encolheu os ombros. — Vamos cavalgar como homens e faremos Calíope ir a todo galope. — ela se inclinou perto e a provocou. — A não ser que esteja com muito medo.

— Nada me assusta. — Chris não admitiria se assustasse.

Ela precisava manter o papel mesmo quando estava aterrorizada. Às vezes, ela ficava assustada, mas não se sentia confortável em mostrar qualquer fraqueza. Devido ao tumulto constante em que viviam, ela não acreditava poder se dar ao luxo de ceder, e deixar os medos governá-la. Ela precisava ser forte, por si, e por sua família:

— Vamos cavalgar.

Elas caminharam lado a lado em direção aos estábulos. Levaram um quarto de hora para alcançá-los. A maioria dos cavalos e das carruagens foram vendidos para pagar contas domésticas. Ainda tinham uma carruagem levada por um par de cavalos, e Calíope. A égua era de um castanho profundo com crina e rabo pretos. Era linda.

— Foi uma ótima ideia. — Chris disse. — Estou feliz que tenha sugerido.

Elas entraram nos estábulos e pararam de repente. O pai delas estava na baia de Calíope. Havia um cavalheiro mais jovem com

ele. Os cabelos escuros eram tão pretos que pareciam ser da cor do céu noturno. Ele mostrava ser magro, mas se portava com uma confiança quase desconcertante.

— Ela parece bonita o bastante. — o homem falou.

— É a melhor, eu prometo. — o pai delas o informou.

O homem olhou para Calíope e franziu a testa.

— Não gosto disso, prefiro que pague sua dívida de outra forma.

O pai delas balançou a cabeça.

— A menos que queira que eu lhe dê uma de minhas filhas como pagamento, o cavalo é tudo que tenho.

Chris nunca ficara tão chocada na vida. Decerto ele não falava sério, falava? Ele consideraria vender uma delas para pagar uma dívida? Seu estômago se agitou, e ela sentiu como se pudesse esvaziá-lo ali. Não podia deixar o pai fazer o que pretendia. Era o cavalo dela, e ela queria ficar com ele. Deu um passo à frente e exigiu:

— O que está fazendo?

— Vá para casa. — o pai ordenou.

Os olhos dele se arregalaram de surpresa quando ele as avistou pela primeira vez, mas logo se transformou em raiva. Chris estava familiarizada com esta reação. Ele estava envergonhado por ser pego fazendo algo que a família não aprovaria. Não que ele se desculpasse. O pai dela não acreditava em se desculpar por nada.

— Isso não tem nada a ver com você.

— Tem tudo a ver comigo. — ela rebateu. — Esse cavalo é *meu*.

— Não tenho tempo para suas cenas. Entre. Agora. Já. — o tom do pai dela foi duro e implacável.

Chris sabia que não deveria pressioná-lo, mas não conseguia parar após começar.

— Não. — ela disse como uma criança petulante. — Vim para montar meu cavalo, e é o que farei.

— Não pode controlar sua filha? — o homem sugeriu. — Isso é bastante impróprio.

Chris virou-se para o homem e engoliu um suspiro. De perto, ele era devastador de bonito. Os olhos dele eram da cor da grama em um dia de verão intenso. O contraste com os cabelos escuros era atraente. Seu rosto era, para dizer de forma simples, quase belo. Ele era o tipo de homem descrito em contos de fadas. Um homem tão lindo não deveria existir.

— Talvez, você que devesse sair se considera minha presença tão ofensiva.

Ele a ignorou e disse:

— Creio que esta é uma das filhas que você ofereceu no lugar do cavalo. Terei que me recusar a aceitá-la. Ela é muito indisciplinada para o meu gosto. O cavalo terá que bastar.

Como ele se atreve!

— Ainda bem que não estou à venda para me aceitar. Nunca iria a lugar nenhum com você.

O homem virou-se para ela então. Ter toda a atenção dele não a ajudou a dissipar o fascínio por ele. Por que ele tinha que ser tão atraente?

— Meu amor... — ele disse em um tom tão doce que ela ficaria com dor de dente. — Se eu a quisesse, confie em mim, você cairia de bom grado aos meus pés. — ele se virou para o pai dela e disse: — Mande o cavalo para Foxworth Hall. Vou considerar a dívida paga.

— Não se arrependerá. — o pai complementou.

O homem assentiu e passou por ela.

Carly veio para o lado dela e a abraçou. Não era surpresa que a irmã tivesse permanecido em silêncio por todo o interlúdio. Ela não gostava de provocar o pai.

— Quem era esse? — Chris perguntou.

— Esse, minha querida, é o Marquês de Foxworth. Deve se lembrar desse nome. Ele não é um homem a ser provocado.

Chris pretendia lembrar do nome. Provocá-lo? Faria mais do que isso. Um dia, o encontraria de novo e o faria entender que ela não era uma dama com quem se brincar, e para o inferno com tudo, *jámais* cairia aos pés dele.

capítulo um

Dois anos depois...

Chris olhou pela janela da Escola Feminina da Srta. Agatha, a escola de etiqueta para onde foi exilada. Ela foi enviada para seus aposentos como punição. Não houve um dia, desde que foi enviada para essa escola, que não tenha sido sentenciada à reclusão por uma pequena indiscrição. Ela estava sempre encontrando problemas. Chris *gostava* de ser impertinente. De certa forma, era parte integrante de sua personalidade, e ela se recusava a se desculpar por ser ela mesma.

A pior parte de seu exílio... não estar perto de sua gêmea. O Duque de Graystone, marido de uma de suas irmãs, decidiu que se beneficiariam de serem separadas. Chris foi enviada para a Escócia, e Carly para Gales. Uma boa e velha escola inglesa não era boa o suficiente para nenhuma delas. Graystone decidiu que precisavam de tanta distância quanto possível uma da outra.

O que ela odiava admitir... ele estava certo. Se estivessem na mesma escola, ou mesmo a uma distância razoável uma da outra, eles teriam fugido. Chris sentia-se tentada a tanto, todos os dias. Se não fossem as cartas frequentes da Carly, ela poderia ter fugido. Sua gêmea era a mais sensata e convenceu Chris a ficar na escola até o fim.

O fim não chegava depressa...

Ela precisava sofrer por mais uma semana, e poderia voltar para casa. Não que considerasse a residência do duque um lar. Para ela,

lar seria sempre em Sevilha. A propriedade ancestral que passaria para as mãos de Damon assim que ele atingisse idade suficiente para assumir o controle da herança. Até então, Chris precisaria suportar a generosidade do duque. Era o que uma mulher precisava aguentar na vida. Ela tinha poucas escolhas, e as que tinha, odiava. O casamento era a última coisa que queria. Chris queria ser livre. Infelizmente, a liberdade não era uma dessas escolhas diante dela.

Talvez fosse hora de redefinir o que uma dama poder ou não fazer. Terminar a escola a fez aprender muito. Tudo isso é bobagem na opinião dela, mas tinha feito uma coisa importante. Mostrou o que ela não queria da vida. Embora, talvez, pudesse ter aprendido tais lições em qualquer lugar. Terminar a escola foi seu castigo, ela ficou e o suportou. Chris não saberia dizer se conseguiria ficar sob a tutela da Srta. Agatha por mais um dia, ou mais uma noite de reclusão. A diretora a odiava, e a odiava desde o instante em que pisou no terreno da escola. Tanto que Chris não conseguia deixar de se perguntar o que exatamente o duque tinha dissera sobre ela para a Srta. Agatha.

Ela franziu a testa.

Chris duvidava que o novo irmão por casamento teria dito algo negativo. Pelo menos não de propósito... Então *por que* Lady Agatha a odiava? Ela sorriu Não uma daquelas inclinações serenas de lábios, mas um dos travessos. Restava uma semana ali ainda. Por que não causar um rebuliço na saída... ou para ser mais exata... na próxima hora ou duas? Não ficaria em seus aposentos um segundo a mais. Não havia razão para continuar seguindo as regras. Não que ela tenha de fato as seguido alguma vez, mas este não era o ponto.

Ela se afastou da janela e inspecionou o quarto. Os itens pessoais ali eram limitados... uma das regras da Srta. Agatha. Chris

tinha exatos três vestidos. Todos funcionais e sem frescuras. Essa parte não incomodava Chris. Ela não precisava de vestidos chiques, mas como não gostava de ser contrariada... não gostava de não poder ter um vestido bonito.

Fazer as malas não demoraria muito. Chris pegou sua valise e enfiou os dois vestidos limpos ali e, em seguida, a pilha de cartas que recebera das irmãs. Carly foi quem escreveu mais, mas Billie e Teddy também enviaram cartas... mesmo que as duas estivessem apaixonadas por seus maridos e famílias em expansão. Billie estava esperando seu primeiro filho para breve, e Teddy não deveria demorar em segui-la nessa empreitada. Chris ficava um pouco enjoada ao pensar no assunto. Ela adorava a família, mas não desejava ter uma própria. De alguma forma, ela duvidava que tal resolução mudaria.

Assim que recolheu tudo, saiu de seus aposentos e desceu as escadas, saindo pela entrada dos fundos. O sol já começara a se pôr. Usaria a escuridão para esconder a fuga. O dinheiro que Graystone enviou ao longo dos vários meses em que ela esteve na escola a ajudaria nesta aventura. Ela tinha tudo o que precisaria.

O som das vozes ecoou até ela... um homem e uma falavam em tom sussurrante. Estavam à frente, o que os deixava bem na rota dela. *Meleca*... Teria que dar a volta e pegar outro caminho. Quando ouviu seu nome, parou para ouvir.

— Como está a bela Christiana? — um homem perguntou.

Chris torceu o nariz. Quem era aquele? Ela congelou e se inclinou contra a parede quando percebeu quem estava lá... o Marquês de Foxworth. O que ele estava fazendo na escola da Srta. Agatha? Parte dela queria marchar até ele e bater nele por princípio. Ela odiava o homem, e ele estar na escola dela não poderia significar nada de bom. Pode não saber o que ele pretendia, mas

tinha certeza de que não era boa coisa. Seu coração bateu forte no peito, e calor inundou suas bochechas. Chris cerrou os punhos, porém, de alguma forma, conseguiu evitar seguir seus piores impulsos.

— Lady Christiana está indo bem. — a Srta. Agatha disse. — Eu fiz o que me pediu e fiquei de olho nela. O senhor estava certo. Ela é um problema.

Ela revirou os olhos. Aquela mulher não reconheceria um verdadeiro problema se um caísse aos seus pés. Claramente, era uma imbecil. Não sabia que o marquês era o pior tipo de canalha? Até ela sabia das histórias, e nem havia sido apresentada à Sociedade. Embora, para ser justa, Chris fizera de tudo para obter cada resquício de informação disponível sobre ele. Após aquela reunião fatídica nos estábulos, estava determinada a vê-lo arruinado... de algum jeito. O maldito desgraçado nem se dignou a reconhecê-la quando se encontraram na propriedade de Graystone.

— Eu a avisei. — ele suspirou. — É uma pena que ela não possa ficar aqui mais tempo. Temo a ruína que trará para a própria família quando voltar a vida social.

Era culpa dele, ela estar exilada nessa escola por tanto tempo? A princípio, a data de saída dela era há três meses. Algo mudou, porém, e ela foi informada que permaneceria sob os cuidados da Srta. Agatha por mais tempo do que o planejado.

— Receio ter adiado pelo máximo possível. A irmã dela insiste que a menina vá para casa. Gostaria de poder ajudar mais.

— Não se estresse por isso — ele disse em um tom suave. O patife conseguia ser charmoso quando queria. Não que Chris já tivesse visto por ela mesma... — Ensinou tudo o que podia. O resto, receio eu, cabe a ela fazer.

Dor agarrou seu coração ao ouvir a conversa. Ela sabia que ele não gostava dela, mas não havia percebido que o ódio dele era tão profundo.

Chris já ouvira o suficiente. Não sabia por que razão a Srta. Agatha a odiava. Agora sabia a resposta. O marquês envenenou a diretora contra ela. Ela queria fazê-lo pagar pelas ações passadas... Bem, agora ela se esforçaria em dobro. Primeiro, porém, ela voltaria para casa.

Afastou-se deles e foi em direção à trilha da floresta. Caminhar no escuro pode ser complicado, mas não havia outra escolha. Não se esperava deixar a escola da Srta. Agatha naquela noite mesmo.

Não demorou muito para chegar à floresta próxima à escola. Foi até o início da trilha, e seguiu-a até estar bem embrenhada. Levaria horas até que notassem seu desaparecimento. Quando assim fosse, ela teria chegado à cidade e conseguido uma passagem em uma diligência postal. Levaria dias para chegar em casa, mas estava determinada. Ela não precisava do conforto da carruagem do duque. Só precisava de uma maneira de chegar lá, e decerto poderia encontrar uma por conta própria.

Chris continuou se movendo pela floresta até ouvir o quebrar de um galho. Congelou. Nunca ela considerou que outra pessoa poderia estar na floresta. Pode ser algum tipo de animal...

— Por favor, seja um animal. — ela murmurou entre respirações.
— De preferência um pequeno...

— *Na, só segue.* — um homem disse.

O sotaque escocês era intenso, e Chris mal conseguia entendê-lo. Amaldiçoava Graystone por mandá-la para as terras altas. Deve ter sido ideia do Marquês de Foxworth. O homem voltou a falar:

— *Aquela escola frufru não é longe. Mas precisa esperar um cado antes de entrar.*

— *Acha que a garota vai chiar* — o amigo perguntou.

— *Depende da garota.* — o homem explicou. — *Mas acho que ela vai estar com medo demais para reagir. As sassenach são fracotes.* — ele assobiou. — *Mas, não. A gente precisa estar em Tior de manhã.*

Atrás de que garota eles estavam? Havia algumas escocesas na escola, mas a maioria era inglesa. Onde era Tior, e o que era? Chris tinha tantas perguntas. Ela deslizou para trás de uma árvore, para se esconder deles, mas pisou em um galho. Chris prendeu a respiração esperando que tivesse passado despercebido.

— O que *foi* isso?

Meleca.

Ela não estava com sorte. Ainda assim, deslizou mais atrás da árvore e rezou para pensarem ser um animal, como ela esperou que fossem. Chris fechou os olhos e inspirou devagar e uniforme, embora o coração dela estivesse acelerado.

Não estou aqui... continue em frente, escoceses estranhos...

— *Vai ver.* — o primeiro a falar ordenou.

Chris não podia vê-los, mas esse parecia estar no comando... mais velho pela grosseria no tom. O companheiro dele parecia muito mais jovem. Talvez mais perto da idade dela. Não poderia ter certeza sem olhar para eles.

— *P'ra quê?* — o mais novo reclamou um pouco ao fazer a pergunta. Se tinha alguma dúvida da idade dele, isso dizia quase tudo o que se precisava saber — *Deve ser um animal.*

— *A gente tem que ter certeza.* — o mais velho respondeu. — *Agora vai fazer o que mandei.*

O quebrar de galhos sob os pés do homem era a única indicação de que ele obedecera a ordens. Ele a encontraria logo, mas não tinha para onde ir. Eles a encontrariam logo, e então o que ela faria?

Ela não os conhecia, não tinha como discernir suas intenções. Eles podem ou não ter planejado sequestrar uma garota da escola. Embora não conseguisse ver qualquer razão para fazerem tal coisa.

— O que achei aqui? — a voz dele soava repleta de deslumbre. O rosto dele estava borrado de sujeira, e ela não conseguia dizer de que cor eram os cabelos dele. O homem era mais jovem do que o outro, e parecia não acreditar em banhos. — Pai, tem uma garota escondida aqui. — Ah... o homem mais velho era o pai deste.

— *Ah, é?* — ele riu. — *Traz ela aqui.*

Ele estendeu a mão e agarrou o pulso dela, em seguida, puxou-a de detrás da árvore. Ela tentou soltar o braço, mas não teve sucesso.

— Solte-me! — ela exigiu.

— Não, acho que não. — ele disse.

Ele a forçou a sair e quase a arrastou até o pai. Ela balançou as mãos e, quando não funcionou, ela tentou se jogar no chão.

O velho a olhou e a analisou da cabeça aos pés, em seguida, dos pés às cabeças.

— Que uma boniteza como essa está fazendo aqui na floresta? — ele levantou uma sobrancelha. — Veio encontrar um amante?

Ela bufou.

Como se ela fosse dessas.

— Não devo explicações a você.

— Verdade. — ele concordou. — Mas eu ainda tenho que insistir. Está atrapalhando nossos planos.

Ele parecia que não ver problemas em machucá-la se necessário. Ela precisava encontrar uma forma de convencê-lo de que ela não causaria nenhum problema. Não que ela fosse cumprir essa promessa, mas ele não precisava saber disso.

— Prometo que minha situação atual não lhe causará nenhuma dificuldade. Deixe-me ir, e eu seguirei meu caminho, e não muito tempo depois, se esquecerá de que me viu. — ela respirou fundo, reavendo as forças — Farei o mesmo em troca.

— *Ah, é? — ele coçou o queixo. — Tem um problema com tua solução.*

— É? — ela pendeu a cabeça. — Qual?

— Acho que você é a garota que temos que levar. — ele sorriu.

O luar não o favorecia. O rosto dele estava coberto de manchas escuras... ela presumiu ser sujeira. Os cabelos dele pareciam não serem lavados há dias, talvez semanas. Chris não queria chegar perto o suficiente para descobrir.

— Bom que facilitou p'ra nós.

Ai, que inferno... O plano foi de mal a pior e rápido. Como escaparia agora, e por que esses bandidos queriam raptá-la? Ela culpou o Marquês de Foxworth. De alguma forma, tudo era culpa dele...

capítulo dois

Sutton Brooks, o Marquês de Foxworth, montou seu cavalo e preparava-se para viajar para a cidade próxima. Ele reservara um quarto na pousada local, que proporcionaria um bom descanso antes de começar seu passeio até a propriedade de um amigo, um pouco ao sul da Escola para Jovens da Srta. Agatha. Talvez fosse errado da parte dele, interferir com a educação de Lady Christiana Neverhartt, mas ele não se sentia nem um pouco culpado. A garota precisava de mais lições do que uma vida poderia fornecer. Se ele pudesse opinar no assunto, ela ficaria na escola por mais um ano. Infelizmente, para ele, ele não podia fazer mais nada para mantê-la lá.

Seu encontro com a Srta. Agatha correu bem, assim como todas as reuniões com a diretora correram. Lady Christiana consideraria a interferência dele como um insulto, ou talvez pior, mas ele tinha suas razões. Ele reconhecia que parte do envolvimento dele se dava por quão difícil ela poderia ser às vezes. Ela era, muitas vezes, sua própria pior inimiga, e encontrava problemas que a maioria nem sequer consideraria. Ele sentia essa necessidade incessante de protegê-la, mesmo que dela mesma. Era bastante irritante para ele admitir isso, porque ela também o enlouquecia um pouco. No ritmo atual, ele se tornaria um residente permanente de Bedlam. Ele suspirou. Seus sentimentos eram bastante mistos, e assim eram desde que a conheceu, vários anos antes. Quando ele levou o belo cavalo dela como pagamento da dívida do pai dela. Ele não a culpava por odiá-lo. Às vezes, ele se odiava por fazê-la passar por isso. Talvez, essa fosse a razão para ele se sentir responsável pela garota.

Ele manteve um ritmo constante no cavalo. Sutton não estava com pressa de voltar para a pousada. Não havia nada o esperando, exceto uma cama e uma ansiada boa noite de sono. Ele assobiou um pouco ao se perder nos próprios pensamentos, o entorno um borrão. Havia árvores, é claro, e talvez outros arbustos ao longo da estrada, mas foram obscurecidos pelo céu noturno. A lua lhe dava um pouco de luz para guiá-lo no passeio.

Um grito o tirou de seus devaneios. Ele puxou as rédeas do cavalo e franziu a testa.

— Que raios foi isso?

O grito se transformou em um berro.

Muito feminino... Ele suspirou. Parte dele desejava não ser um cavalheiro e, assim, conseguir ignorar o grito de socorro. Aliás, ele estava bastante certo de que a mulher esperava ser ouvida quando gritou. Não havia outra opção... ele precisava ir até ela. O grito viera da floresta, e não havia caminho claro para levar o cavalo. Ele desmontou e guiou o animal para a floresta. Quando haviam se embrenhado um pouco, ele encontrou uma árvore para amarrar o garanhão, e seguiu entrando. Ele ficou o mais quieto possível. Sutton não podia ter certeza do que encontraria e não queria alertar ninguém de sua presença.

Ele chegou a uma pequena clareira e espiou o entorno detrás de uma árvore. Havia um senhor mais velho, para usar uma palavra generosa, e um mais jovem. Uma mulher de cabelos claros estava sendo mantida por um deles. Ele não conseguia ver seu rosto, pois ela estava de costas. O jovem ficava olhando para ela e de volta para o outro homem.

— *O que é p'ra fazer com ela?* — o jovem perguntou.

— *Segura bem p'ra eu amarrar.* — o mais velho respondeu.

Ambos eram escoceses.

Esse fato não o surpreendeu muito. Eles estavam na Escócia, afinal, e a maioria dos habitantes era decente. O que ele não entendia era o que faziam com a mulher. Por que a pegaram? Quem era ela?

Ele deveria ajudar...

Sutton fechou os olhos e rezou por paciência. Ele precisaria de muito para vencer esse desafio. O que poderia fazer? Precisava ajudar, mas não conseguia discernir a melhor maneira de o fazer. Não tinha uma arma e eram dois criminosos. As chances não estavam do lado dele.

— Não vou a lugar nenhum com nenhum de vocês. — disse a mulher.

Um sotaque inglês, e Sutton franziu a testa, uma voz que ele reconhecia bem.

Ele se amaldiçoou em um sussurro.

Lady Christiana Neverhartt ia ser a morte dele. Sutton tinha certeza disso. O que diabos ela estava fazendo na floresta, e por que os rufiões a queriam?

— Vai sim. — o homem mais velho respondeu. — E eu particularmente não me importo se você gosta. Temos um trabalho a fazer, e sentimentos não importam na nossa tarefa.

Nada que Sutton ouvira até agora diminuiu o mal-estar que sentia na boca do estômago. Seja qual fosse a razão deles para sequestrar Lady Christiana, não importava. Não havia nenhuma boa razão para se sequestrar alguém, e não havia como voltar atrás agora. Ele teria que continuar e rezar para que ambos saíssem de lá.

Sutton passou as mãos pelos cabelos e saiu de trás da árvore com uma passada casual.

— O que está acontecendo aqui?

O olhar de Lady Christiana encontrou o dele. Escárnio o encontrou com força. Ele esperava que a garota não o contrariasse por esporte. Não faria bem.

— Não tem nada para você aqui. — o homem mais velho disse. — Vá embora, e não causaremos nenhum dano.

Ele inclinou a cabeça para o lado e desdenhou.

— Que tal eu fazer uma contraoferta? — Sutton deu mais um passo à frente. — Deixe minha noiva ir, e eu não o mato. — Lady Christiana estreitou o olhar, mas não o contradisse. Ele suspeitava que pela primeira vez na vida, ela estava pensando antes de agir.

— Tua noiva? — o homem mais velho riu. — Nada provável. Esta aí está destinado a outra pessoa.

— Nisso, você está errado. — Sutton ficava de olho em tudo que Lady Christiana fazia. Ele sabia se ela tivesse decidido se casar com alguém, e ele teria destruído tal possibilidade antes de florescer de verdade. — Devo me repetir? Solte. A. Moça.

Eles o encaravam como se ele tivesse perdido a cabeça. Bem, parecia que ele precisaria cumprir algumas de suas ameaças. Lá se ia uma boa noite de sono...

Sutton pulou em direção ao mais jovem e o nocauteou. Lady Christiana estava livre, mas parou quando olhou para o homem mais velho. Sutton virou o olhar naquela direção e franziu a testa. Claro que ele teria uma pistola. Nada era fácil com Lady Christiana.



Chris olhou para o velho rabugento e considerou o que deveria fazer em seguida. Ela ainda não conseguia decidir se o marquês decidira vir em seu socorro ou se foi ele quem orquestrou o

sequestro. Ela não conseguia ter certeza de nada. Aquela bobagem de eles serem noivos quase a fez fungar, mas não era tão estúpida assim. Ela o infernizaria acerca dessa presunção mais tarde. Por enquanto, ela seria ajuizada para conseguir escapar.

— Não se mexa. — Foxworth ordenou.

Ele não mostrava emoção alguma no rosto, e a voz era severa.

Ela não precisava que ele lhe dissesse o que fazer.

— Posso determinar o que precisa ser feito por mim mesma. — o tom estava preenchido com sarcasmo.

— Mesmo? — ele debochou. — Foi assim que acabou nessa bela confusão?

Chris não precisava de um lembrete da loucura que fez. Não iria ajudá-la agora, e decerto não a ajudaria no futuro.

— Pode ir embora se quiser. — ela queria esbofeteá-lo.

— Como se eu pudesse... — ele gesticulou para o homem com a pistola. — Acredito que ele teria algo contra isso.

— Nisso, acertou. — o homem concordou. — Vá ficar ao lado da moça.

Foxworth fez o que lhe foi dito. Para tudo se tem uma primeira vez...

Chris não acreditava que o arrogante aceitava ordens de ninguém. Ela olhou para o jovem Foxworth nocauteada. Ele não parecia estar se movendo. Pelo menos, não precisavam se preocupar com ele.

— O que planeja fazer com minha senhora? — Foxworth perguntou.

Considerando que ela nada dele, Chris não pensava ser da conta dele. Mesmo que ele estivesse tentando ajudá-la.

— Por que se importa? — ela disse em tom contundente. — Não é como se desejasse mesmo tornar suas declarações de

propriedade verdadeiras.

— Podemos discutir isso mais tarde. — Foxworth respondeu. — Acredito que temos um problema muito maior para lidar primeiro.

Chris revirou os olhos.

— É de se acreditar que sim.

Ela o odiava. Odiava muito, muito mesmo. O velho se moveu para a frente e acenou em direção à corda no chão.

— Pegue isso e amarre as mãos dela. Já que você nos interrompeu, agora é tarefa sua amarrar ela.

Foxworth abriu um sorriso perverso.

— Tive várias fantasias onde a amarrava. Obrigado por me obrigar a torná-las realidade.

A boca se escancarou quando o choque a atravessou. Que jogo ele estava fazendo agora?

— Está maluco? — por que ele iria querer amarrá-la? Não tinha certeza se queria descobrir.

— Talvez eu esteja. — ele brincou. — Caso contrário, por que eu estaria aqui? — ele se inclinou para recuperar a corda, mas não a pegou. Em vez disso, ele pulou para a frente e empurrou o homem mais velho para o chão. O escocês perdeu a pistola, que caiu no chão. Eles lutaram no chão por vários segundos, antes de Chris pegar a arma e apontar.

— Pare. — ela ordenou. — Pare agora, ou atiro em você.

Ambos pararam e olharam para ela. Ela apontou a arma em direção a eles. Talvez, não acreditassem que ela saberia usar a pistola, mas nisso ambos estariam errados. O pai dela a ensinara. Ela disse que queria aprender a atirar, e ele se sentiu obrigado a fazê-lo. A mira dela estava longe de ser excelente, mas conseguiria acertar um alvo se necessário, e os dois homens eram alvos bem grandes. Ela poderia acertá-los com facilidade se quisesse.

— Meu amor — o marquês disse em um tom gentil. —, dê-me a pistola. Você não quer atirar em mim de verdade.

— Não quero? — ela levantou uma sobrancelha. — Por quê? Pode me lembrar?

O escocês mais velho começou a rir.

— Posso estar errado sobre essa aí. Ela não é nada fraca. — ele ficou de pé e encontrou o olhar dela — Quer mesmo se casar com esse sujeito?

Claro que não...

— Não é da sua conta. Sugiro que pegue seu filho e vá embora. Não tenho medo de fazer um buraco em você.

— Faça como quiser. — ele resmungou e foi até o filho.

O velho levantou o rapaz e o jogou sobre o ombro como se não pesasse nada, então começou a se afastar deles.

O marquês começou a se mover em direção a ela. Ela ergueu a pistola.

— Não dê mais um passo.

— Meu amor... — com um único chamado, tanta emoção: charme, sedução, e arrogância. Ele manteve as mãos a frente dele e não parou de se mover, continuou dando pequenos passos para fechar a distância entre eles.

— E não se refira a mim como seu amor de novo. — ela bufou com fúria. — Como se atreve?

— Como me atrevo a chamá-la de meu amor? — ele levantou uma sobrancelha, zombeteiro. — Não sabia que considerava tão ofensivo.

— Eu o considero desagradável. — ela falou — Mas não, não é a isso que estou me referindo. — ela deu um passo mais perto. — Por que interferiu? O que eu fiz, de verdade, para fazer você me odiar tanto? Eu tenho sido miserável aqui, e é tudo culpa sua. —

Chris lutou com as lágrimas. Ela nunca ficou tão brava, e a vontade de chorar piorou mil vezes. Todas as emoções e dramas passados. Eram tantos arrependimentos, mas estava determinada a continuar com o plano original.

— Receio não entender. — ele disse com frieza. — Não fui eu que a mandei para a escola.

— Não. — ela concordou, mas balançou a cabeça várias vezes. Ele estava certo, é claro. Essa decisão foi tomada pelo Duque de Graystone. — Não me mandou para cá. O que fez foi muito pior.

— É mesmo? — ele fechou os olhos como se rezasse por paciência. — Se sou tão insuportável, talvez devesse atirar em mim.

Ele abriu os olhos, mas não olhou na direção dela, e manteve o foco mais ao chão do que a ela.

— Não me tente. — ela o ordenou.

Era hora de cobrar o blefe dela. Ele encontrou o olhar dela e o sustentou de forma constante.

— Eu a desafio. — ele rebateu.

O desgraçado não acreditava que ela faria. Ele não a conhecia? Desafiá-la a qualquer ato era a pior coisa que ele poderia fazer. Ela engatilhou a pistola.

— Cuidado com o que deseja. — Chris mirou... e atirou. O marquês caiu e bateu no chão com um baque. Sangue floresceu no ombro dele, manchando sua jaqueta clara.

— Inferno. — ele xingou. — Poderia ter me matado.

— No entanto, não o matei. — ela disse em tom calmo e, em seguida, encolheu os ombros. — Você vai viver. Infelizmente...

Talvez fosse uma coisa fria a se dizer, mas a raiva a atravessando era quente, e ela nutria uma animosidade em relação a ele, e que não conseguia se desvencilhar, desde o décimo quinto

aniversário dela. Não era culpa dele que o pai tenha apostado o cavalo dela, mas ele não fora exatamente gentil com ela ao pegá-lo.

Chris pegou sua valise, se virou e se afastou dele. Não tinha dúvidas de que ele ficaria bem. A mira dela era boa, e ela o acertaria onde quer que quisesse, não saberia dizer se por sorte ou habilidade. A bala não deveria ter feito mais do que raspar o ombro. Chris concentrou-se em ir na direção de onde ele veio. Ele deve tê-lo ouvido da estrada, e ele tinha um cavalo. Ela pegaria o animal e o deixaria para encontrar o próprio caminho para casa. Até onde a tocava, ele podia caminhar o trajeto inteiro até em casa.

capítulo três

Sutton sussurrou um xingamento enquanto se forçava a ficar de pé. Dor cortava seu ombro. A ferida queimava, mas a pequena diaba estava certa sobre algo: ele viveria, ou *deveria*, em qualquer caso. Ou ela era uma ótima atiradora, ou ele teve sorte de raspar no ombro dele. Desde que nenhuma infecção se estabelecesse, ele ficaria bem. Isso não significava que o braço dele não doía como o inferno, ou que ele estava feliz com a situação atual. Ela ia se arrepender de ter atirado nele, mas primeiro ele precisava pegá-la.

Rangendo os dentes, ele ignorou a picada constante que pulsava no ombro. Havia uma atrevida que ele precisava alcançar, e cujo traseiro teria que espancar. Ele ameaçou fazê-lo há alguns anos, e chegara a hora de cumprir a promessa. Sutton pisava forte atrás dela. Ele não sabia por que ela estava na floresta, ou que esquema ela inventara desta vez, mas ele colocaria um fim a isso. Ela precisava voltar para a escola onde ela pertencia, ao menos até a data marcada para a saída dela. Sutton franziu a testa quando um novo pensamento veio à tona.

Por que aqueles rufiões estavam atrás dela?

Ela estava na escola há dois anos. Sutton esperava que esse tempo na escola domaria um pouco da selvageria da menina, no entanto, os eventos deste dia sugeriram o contrário. Ela continuava tão indisciplinada como sempre... talvez até mais. As restrições estabelecidas pela escola da Srta. Agatha deveriam ter restringido essas tendências. Por que não restringiram?

Sutton xingou de novo quando um galho o atingiu no braço ferido. Ele continuou seguindo na direção em que Lady Christiana tinha ido. Ela não estava muito à frente dele. Ele vislumbrou a saia

azul-claro do vestido dela à luz da lua. Estava indo na direção do cavalo dele. Seria conveniente, ou pelo menos ele esperava que fosse. Um sentimento horrível se instalou no em seu âmago, e ele começou a andar mais rápido.

Ela pegaria o cavalo...

Ele sabia no fundo de sua alma. Ela *atirou* nele, não atirou? O que significava que Lady Christiana era capaz de qualquer coisa, e roubar o cavalo dele decerto passaria pela cabeça tortuosa dela. Ela já demonstrara que não se importava com ele. Mesmo após ele tentar salvá-la dos rufiões. A pirralha poderia não ter se saído tão bem sem a ajuda dele. Ela levantou a pistola como se a vida dele não importasse, apontou e disparou. Ele tinha o braço ensanguentado e sentia uma dor ardente para provar.

Sutton voltou a xingar e correu, rápido e com força, na direção dela. Nem prestou atenção aos galhos que iam e voltavam, acertando-o, enquanto ele corria. Haveria marcas, muitas delas, para acompanhar a ferida em seu ombro. Por fim, apesar de toda a corrida, ele a viu no lugar em que ele deixara o cavalo. Ela já havia desamarrado o garanhão e estava tentando montá-lo. O pé dela escorregou no estribo, e ela caiu bem de bunda. Ele mal conseguiu segurar uma risada.

— Está tendo um pouco de dificuldade, não é? — pelo menos, havia algo de na situação. — Talvez se não tivesse me deixado para morrer, eu poderia ajudá-la. Entretanto, gosto do meu cavalo e seria difícil eu a ajudá-la a roubá-lo.

Ela encontrou seu olhar e debochou.

— Parece bem saudável para um homem moribundo.

— Não graças a você. — ele retrucou. Sutton chegou a considerar oferecer a mão para ajudá-la a se levantar do chão, mas logo desistiu. Ela não merecia nenhum tipo de cavalheirismo. — Se

não se importa, pegarei meu cavalo e irei embora. Como você me parece capaz de se cuidar sozinha, não creio haver razão para eu me preocupar com seu bem-estar. — ele a encarou. — Eu, no entanto, preciso encontrar um médico para dar pontos na ferida no meu ombro. — ele esticou as mãos para pegar as rédeas, mas em vez de as retirar das mãos dela, ele encontrou-se estirado de costas. De alguma forma, ela conseguiu fazê-lo tropeçar. — Inferno... — ele a odiava.

— Não vai me deixar aqui. — ela cuspiu.

— Não sabia que gostava tanto da minha companhia. — ele disse, conforme o absurdo da situação o assolou. — Perdoe-me se eu interpretei mal todas as... — ele fez uma pausa por um instante e considerou que palavra se encaixaria melhor. — ...preliminares.

Ambos estavam no chão. Ele estava ensanguentado e sujo, e ela não parecia muito melhor. Seus cachos loiros não estavam mais presos no lugar. Mechas soltas encaracolavam-se abaixo das costas e ombros dela, e a maioria delas mostravam-se uma bagunça emaranhada. Havia manchas de sujeira nas bochechas e na testa também.

Ela ergueu o queixo e disse, desafiadora:

— Não interpretou nada errado. — ela inspirou fundo. — Eu o odeio, mas é melhor estar com o diabo que se conhece, do que aqueles que espreitam em arbustos para nos sequestrar.

— É mesmo? — ele ergueu uma sobrancelha — Não parecia inclinada a ficar em minha companhia, mais cedo, quando me deixou na clareira após atirar em mim. Por que eu deveria lhe oferecer alguma ajuda agora? — ele sentou-se e piscou. — Admita. Gosta de mim.

Lady Christiana abriu e fechou a boca várias vezes. O olhar horrorizado que dominou aquele rosto ante a sugestão dele era

quase cômico. Os olhos dela ficaram arregalados, e ela ficara branca. Talvez houvesse algo de verdade na declaração dele. Não... Ele sacudiu esse pensamento. A garota o odiava como ele a odiava. Não havia mais nada entre eles.

Após o período de silêncio atordoado, ela enfim encontrou palavras.

— Apenas admito o quanto eu o odeio. — de alguma forma, ela conseguiu ficar de pé sem qualquer ajuda dele. — Ficaré jogado no chão a noite toda, ou vai se levantar e vir comigo?

Ele ergueu uma sobrancelha, ela tinha muita audácia...

— Ainda não me decidi.

A dor no ombro dele estava se transformando em dormência. Ele precisava ser examinado, mas duvidava que seria hoje à noite. Sutton suspirou, tropeçou para se levantar e tomou as rédeas do cavalo. Ele não podia deixá-la levar o cavalo. Ela estava certa quanto a outra coisa também. Os rufiões escoceses estavam tentando raptá-la, então a escola não seria segura para ela agora. Ele teria que levá-la com ele e mantê-la segura. Ele estreitou o olhar.

— Se eu a levar...

— Fico feliz em ver que...

Ele ergueu a mão para impedi-la de continuar.

— Como eu estava dizendo... caso eu permita que me acompanhe, espero que ouça tudo o que eu digo. Trata-se de proteger você e sua reputação. — Deus, ele esperava poder manter a identidade dela em segredo. Ela estaria arruinada num piscar de olhos, caso contrário.

— Como se você se importasse com alguma dessas coisas. — ela zombou.

— Às vezes, eu duvido que você se importe. — ele respondeu. — É tão descuidada quanto o dia é longo. — ele suspirou. Sutton estava começando a se cansar, e ele precisava descansar. Esta noite inteira foi como ir ao inferno e voltar. — Siga-me até a estrada. Lá, eu montarei e a ajudarei a subir.

— Ótimo. — ela disse e gesticulou em direção à estrada com a valise. — Vá na frente, então.

Eles foram para a estrada, e ele fez o que disse que faria. Assim que ela estava acomodada na frente dele no cavalo, ele balançou as rédeas o garanhão para começar a andar. Sutton não estava de todo certo quanto ao tempo passado após tamanha provação, mas o drenara ao ponto de exaustão. Não ajudou que ela cheirasse como um pedaço de céu, uma mistura de madressilva e canela. Este foi o mais perto que ele esteve dela desde o dia em que ele mergulhou para salvá-la de se afogar na propriedade Graystone. Ele precisava fazer algo para se distrair e evitar se inclinar e fazer algo que pudesse se arrepender. Como chegar mais perto para ver se ela tinha um gosto tão maravilhoso quanto cheirava.

— Por que os escoceses estavam tentando levá-la com eles?— ele perguntou.

— Eles não compartilharam os motivos comigo. — disse ela, inclinando a cabeça para o lado. — Mencionaram algo sobre Tior. Embora eu não saiba o que é.

Sutton prendeu a respiração.

— Foram específicos ao falar Tior?

— Foi o que eu ouvi. — ela disse. — O que é Tior?

Declan MacKay, o Laird do Castelo Tior... ou melhor, o Conde escocês de Tior, odiava Sutton. Verdade seja dita, o laird desprezava os amigos de Sutton também, mas não tanto. Ele não entendia por que o homem iria querer sequestrar Lady Christiana.

Tior estava tentando levá-la para fazer algum tipo de declaração? E se assim for... para quem? Poderia ser com Graystone, porém, de alguma forma, ele duvidava que fosse. E se ele acreditasse que Sutton tinha mais interesse nela do que a verdade, ou mais especificamente um interesse do tipo romântico? Ele visitou a Escócia mais do que o normal desde que Lady Christiana foi enviada para lá, para a escola de etiqueta.

— Tudo o que precisa saber de Tior é que deve ficar longe de lá.

— É um lugar?

— É. — ele confirmou.

Sutton não sabia o quanto deveria contar de Tior. Graystone tinha problemas com o conde tanto quanto Sutton. Seus outros dois amigos, Sheffield e Carrolton, tinham problemas com Tior também, mas não tanto quanto Sutton e Graystone. Voltava aos tempos em Eton. O avô materno de Tior era um duque inglês, que insistiu que o neto tivesse uma educação inglesa. Tior não se acomodou bem em Eton, não fez amigos. Em vez disso, Tior reuniu o que Sutton consideraria serem inimigos. Ele culpava Sutton e Graystone por suas dificuldades. Ele não havia sido capaz de ver como não se ajudara nessa situação, e Sutton duvidava que poderia fazer Tior entender isso agora.

— Isso é tudo que tem a dizer? — ela disse e exalou. — Não sou uma criança. Pode me contar, e eu não vou me curvar como uma bola.

— Poderia ter me enganado. — ele disse. — Você costuma fazer coisas infantis. Por que eu deveria acreditar que agora agiria de forma diferente?

— Por favor, me diga. — ela disse baixo. — Sou capaz de tomar decisões sobre minha vida se os homens ao meu redor me dessem meia chance.

Ele desejava poder contar tudo, mas não podia. Às vezes, ele desejava poder se esquecer de tudo. Fingir que não aconteceu o ajudou por bastante tempo, e ele gostaria de continuar o maior tempo possível desse jeito.

— Não há nada a acrescentar. É um castelo nas terras altas. Eu nunca estive lá, sendo assim, não posso dizer mais do que disse.

Havia algo de verdade na declaração. Ele nunca estivera em Tior e não pretendia ir lá tão cedo. Ele levaria Lady Christiana para Graystone. Ela estaria segura lá.

— De alguma forma, não acredito em você. — ela disse.

Ela não deveria...

— Não me importo se não acredita.

Ele esperava que ela tivesse algo mais a dizer, mas ela permaneceu em silêncio. A viagem para a cidade vizinha demoraria mais do que ele gostaria. Com o garanhão carregando os dois, não queria sobrecarregá-lo. O silêncio de Lady Christiana começou a preocupá-lo. Ela sempre foi falante e, com o silêncio, ele não podia deixar de acreditar que ela planejava algo. Seja o que for, não poderia ser bom.

Quando chegaram à cidade, ele foi direto para a pousada. Ele já tinha um quarto lá, então não precisaria barganhar por um. O verdadeiro problema seriam os arranjos para dormir, e ele precisava desesperadamente de um banho. Era improvável que ele conseguisse tomar um, dividindo um quarto com uma dama. Nos estábulos, ele a ajudou a sair do cavalo, em seguida, desmontou. Ele entregou as rédeas do cavalo para um cavaleiro.

— Providencie para ele ser escovado. — ele estendeu a mão em um bolso e jogou um xelim para o homem. — E alimentado.

— Sim, meu senhor. — o estábulo disse e levou o garanhão para o celeiro.

Sutton virou-se para ela e disse:

— Venha comigo. — ela carregava a valise. Ele esperava que tivesse algum tipo de veste lá. Ela precisava de um banho também, trocar as roupas. No entanto, ele não faria tal sugestão. Deixe-a sofrer um pouco. — Siga-me até a pousada. — ele ordenou.

— Onde mais eu iria?

— Sendo você? — ele franziu as sobrancelhas. — Eu não tentaria adivinhar.

Eles caminharam até a pousada. Quando entraram, via-se estar cheio de clientes perto do salão principal. Muitos bebiam e falavam alto. Sutton rezou para que nenhum deles os notasse.

— Lorde Foxworth. — o estalajadeiro o cumprimentou. — Temíamos que não voltasse. Já está tarde.

Ele segurou um gemido.

— Tive um contratempo... — o estalajadeiro olhou para ele e, em seguida, para Lady Christiana. O olhar dele se estreitou quando notou o sangue no ombro de Sutton, e o rosto e vestido sujos dela. Sutton se xingou por dentro. Já conheceu minha esposa?

— Sua esposa? — ele inclinou a cabeça. — Não tive o prazer. — ele bateu palmas, feliz. — Bem-vinda, Lady Foxworth, há algo que eu possa fazer pela senhora?

Deus o ajude. Ela parecia querer matá-lo, ou desejar ter mirado melhor mais cedo... A noite tomara outro rumo, e não para melhor.

capítulo quatro

— Eu não sou...

Foxworth colocou uma das mãos sobre a boca de Christiana. Ela mordeu o dedo dele, mas, de alguma forma, ele manteve a mão no lugar.

Ela considerou morder de novo, mas desta vez mais difícil. Ele se virou para ela, e ela se segurou. Aquele olhar a fez sentir um arrepio na espinha e assustou-a. As sobrancelhas dele quase se uniram, e os olhos estavam frios, quase sem emoções, mas não estava certo. Eles eram como fogo verde. O marquês estava com raiva. *Bom*. Ela também estava, e quando estivessem sozinhos, ela mostraria exatamente quanto.

— Por favor, perdoe o comportamento azedo da minha senhora. Ela teve uma noite e tanto. Rufiões a atacaram a caminho daqui. — ele mentiu sem problemas. Talvez porque ele falou um pouco da verdade também, soou bem — Se nos perdoar, vamos nos retirar por esta noite. — ele escorregou o braço em torno da cintura dela e quase arrastou-a para longe do estalajadeiro. Ele não retirou a mão até que passassem por ele.

Sussurrou uma palavra no ouvido dela:

— Quieta.

Ele a guiou para uma escadaria e, em seguida, para o quarto que havia reservado para si. Foxworth abriu a porta e a empurrou para dentro. Ela tropeçou um pouco, mas permaneceu de pé.

— Isso era necessário?

Foxworth levantou uma sobrancelha zombeteira.

— Após aquela proeza na frente do estalajadeiro, eu diria foi pouco. — ele apertou a mão como se tentasse aliviar a dor.

Ela abriu um sorriso perverso.

— Gostaria que eu beijasse para melhorar?

Ele estreitou o olhar e balançou a cabeça, devagar

— Você me considera um imbecil? — o tom dele estava permeado de perplexidade.

— Espera uma resposta sincera? — ela perguntou sarcasticamente.

— Com você, nunca sei o que esperar. — ele respondeu, seco.

— Você é um enigma que eu não quero bem resolver.

Aquilo doeu um pouco. Não deveria, mas por alguma razão as palavras deste cavalheiro sempre a atingiam.

— Tudo bem. Não espero que quebra-cabeças difíceis sejam fáceis para alguém como você decifrar.

Ele girou nos calcanhares e estudou-a. Os lábios dele se inclinaram em um sorriso astuto. Chris não confiava naquele sorriso. Ele estava planejando algo, e ela teria que impedi-lo, antes que se concretizasse.

— Meu amor. — ele disse arrastado. — Você não é tão difícil, pelo menos não nesse sentido. Não se dê tanto crédito. — ele deu alguns passos até ela e passou um dedo em seu rosto. — Qualquer um que olhe para você pode dizer ser... um problema. — ele brincou com um cacho loiro solto. — E desesperada... O que eu não desejo interpretar é sua incessante necessidade de ser selvagem. Após entregá-la a Graystone, lavo minhas mãos em relação a você.

Chris inalou com força. Como ele ousava falar assim dela.

— Pensei ter dito para nunca mais me chamar de meu amor. — Era infantil, mas foi tudo o que ela conseguiu formular.

Foxworth riu baixinho.

— De tudo o que eu disse, é a isso que você se opõe. — ele encolheu os ombros. — Prefere que eu a chame de endiabrada? É o que você é, afinal.

— Contanto que não se refira a mim como sua noiva ou esposa de novo, eu não me importo. — ela ajeitou os ombros. — E sem termos carinhosos. Não sou nada para você.

— Eu não poderia ter dito melhor. — ele a fitou. — Não estaria aqui se não tivesse se metido em problemas de novo. — Foxworth começou a andar. — E acredite, também me oponho à ideia de ser minha esposa ou noiva. O que mais eu deveria dizer? O fato de você estar neste quarto comigo, sozinha, significa que está arruinada. — ele gesticulou para o quarto. Não era muito. Havia uma cama que não parecia comportar duas pessoas a menos que se deitassem uma em cima da outra. Uma mesa pequena e duas cadeiras de madeira que pareciam ser muito duras para se sentar. — Se alguém, e eu falo de *qualquer um*, descobrir que estivemos aqui juntos, não teremos escolha, e Deus nos ajude se formos forçados a dizer votos para nos unir para sempre.

Ela congelou.

Chris sabia que ele estava certo, e pela primeira vez, medo perfurou seu coração. Ela estava um pouco assustada antes, mas se casar com ele? Não, ela não conseguiria.

— O estalajadeiro nos viu. — ela sussurrou. — Ele não conta?

Ele parou de andar e se virou para encará-la.

— Ele não dirá nada a menos que alguém pergunte. — Foxworth passou os dedos através das madeixas douradas. — Reze para que ninguém pergunte.

Isso era preocupante...

— E se alguém o fizer? — ela insistiu e estalou os dedos. — O que vai fazer com os dois imbecis que tentaram me sequestrar?

Eles nos viram juntos. Devemos localizá-los e garantir que fiquem em silêncio? — ela não podia se casar com ele. Seria desastroso. Se ela se casasse... Chris engoliu o nó na garganta. Não pensaria nisso. Chris empurrou os sentimentos mais fracos para o fundo da mente e endireitou a coluna. — O que fará se eles começarem a contar ao mundo inteiro do nosso pequeno encontro da meia-noite?

— Farei o honrado, é claro. — ele murmurou, e ela não entendeu muito bem. — Inferno... preciso de uma bebida. — ele se virou para ela. — Não se preocupe. Ficaré tudo bem. Eu me certificarei de que fique. — ele estava com um olhar frenético. Um que Chris simpatizava porque era o mesmo sentimento a atravessando. — Preciso cuidar dessa ferida no meu ombro. Será que pode me ajudar?

— Se conseguir o que precisamos, farei o que puder. — Chris olhou ao redor do cômodo e franziu a testa.

Fogo havia sido aceso na lareira, iluminando o quarto um pouco. Ela estava cansada e precisava de um banho desesperadamente. Algo que ela temia não conseguir tão cedo. Contudo, ele estava certo. Era importante que cuidassem da ferida para ajudar a diminuir o sangramento. Se ele morresse por ela estar tentando provar algo, seria horrível. Chris não saberia se conseguiria viver com isso na consciência. Havia outra pergunta que ela precisava que ele respondesse:

— Onde você vai dormir?

Ele esperava que dividissem a cama?

Ele vacilou ante a pergunta.

— Não seja ridículo. — ela era tão desagradável assim para ele? — Vou improvisar um colchão no chão com um dos cobertores. — ele suspirou. — Eu volto. Falarei com um criado para trazer água e alguns cobertores extras.

Foxworth não a deixou responder. Saiu do quarto o mais rápido que pôde, e nem parou para olhar para trás. Chris foi para a cama e sentou-se. Esta noite não foi nada como ela planejava. Ela nunca teria pensado que acabaria em uma pousada com o Marquês de Foxworth. Alguém ou algo lá fora a odiava mesmo. Ela deitou-se na cama e se espreguiçou, poderia muito bem ficar confortável enquanto esperava. Chris se prometeu que fecharia os olhos apenas por um segundo, mas a exaustão venceu a batalha.



Sutton xingou ao descer as escadas. Ele estava fugindo como um estudante assustado. Ele não sabia o que havia em Lady Christiana Neverhartt que sempre o colocava no limite. Ela o provocava com cada palavra que proferia, e ele caía como um patinho toda vez. Ele precisava entregá-la a Graystone o mais rápido possível. Infelizmente, a propriedade do duque ficava a pelo menos uma semana de distância, e isso em um cavalo com algumas paradas no meio. Lady Christiana precisaria de uma carruagem e mais paradas. Ele não podia colocar os dois em cima do seu garanhão para a viagem. Não só sobrecarregaria o cavalo, mas não seria confortável para nenhum deles.

Ele queria poder deixá-la na escola. Com Tior interessado nela, não poderia fazer isso. Ela não estaria segura lá. Ele teria que realizar ele mesmo esta tarefa, não importa o quão desagradável a considerasse. Parte do problema era que estava começando a se tornar... tentador. Quanto mais eles brigavam, mais ele considerava beijá-la para acalmar o falatório incessante. O vocabulário dela era uma mistura de sarcasmo e sagacidade. Algo que ele estava

começando a apreciar, mas nunca admitiria isso para ela. Se ele conhecia Lady Christiana, e ele acreditava conhecer, ela usaria tal fato contra ele.

Sutton virou a esquina e foi em direção à sala comum da pousada. Um servo deveria estar lá servindo qualquer cliente ou hóspede. O som ainda era alto, e muitas pessoas estavam agitadas dentro e fora da pousada. Ele perscrutou o ambiente e encontrou uma garota carregando dois jarros grandes de cerveja para uma mesa próxima. Ela tinha cabelos vermelhos vivos e seios exuberantes. Se ele já não tivesse uma mulher rabugenta o esperando no quarto, Sutton poderia ser tentado a atraí-la para cima. Ele afastou a ideia e começou a caminhar em direção a ela, em seguida, congelou quando ouviu uma voz que reconheceu.

— Você não é uma moça fina. — Tior disse para a garota o servindo e envolveu um braço em torno da figura deliciosa. — Estaria interessada em passar a noite comigo?

Sutton grunhiu.

Claro que Tior estaria ali. Ele estaria por perto se tivesse enviado alguns de seus homens atrás de Lady Christiana. Eles não estavam seguros ali. Ele precisaria tirá-la da pousada e rápido. Não teria tempo de tratar o ferimento.

— Sim. — a moça disse. A garota correu os dedos através dos cabelos fulvos de Tior e sorriu. — Mas temo que não posso. Tenho que trabalhar. — ela se balançou para fora dos braços dele. — Talvez outra hora.

— Talvez. — Tior disse e sorriu. — Mas temo que não tenha outra vez, pois tenho negócios para cuidar antes de voltar para casa. — ele olhou para os seios amplos dela e suspirou. — Uma pena. — ele arremessou uma moeda para ela. — Traga outra rodada; esta não vai durar muito.

Sutton precisava descobrir por que Tior queria Lady Christiana. Não poderia ser para nada bom, mas de qualquer maneira, ele precisava saber. Ele podia confrontá-lo, mas não estava em condições de desafiar Tior. Ele estava cansado e ferido por toda parte. Seu ombro estava ardendo bastante. Talvez ele ainda devesse limpá-lo antes que saíssem. Havia uma pequena chance de Tior ter quartos na pousada e se retirar em breve. Ele poderia encontrar Lady Christiana e fugir assim que ele fosse para o quarto.

A garçonete trouxe mais cerveja para a mesa de Tior. Dois homens se aproximaram dele. Eles entraram pelo outro lado da sala comum. Uma entrada que Sutton não havia percebido existir. Ele ficou fora de vista, parado no corredor perto da entrada da sala comum, e lançava olhares de esguelha para observar os movimentos deles. Foram os dois homens que tentaram levar Lady Christiana mais cedo. Ele inspirou fundo. O mais velho se inclinou e sussurrou algo no ouvido de Tior. O conde franziu a testa e bateu na mesa.

— Vocês dois são incompetentes. Viram para onde ele a levou?

— Não, laird. — o mais velho disse em um tom vergonhoso. — Ele alegou que a garota era noiva dele.

— É mesmo... — o sotaque de Tior se tornou mais forte enquanto falava. — Isso é uma notícia interessante. Vai ser mais satisfatório quando eu a tornar minha.

Tudo em Sutton esfriou.

Tior a queria porque acreditava que Sutton queria. Foi por isso que ele planejou raptá-la. Tudo isso foi culpa de Sutton, porque ele fez questão de se interessar pela educação de Lady Christiana. Ele queria ensinar uma lição a ela, e em vez disso, Sutton estava sendo lembrado de uma que ele aprendera há muito tempo, o Conde de

Tior não era confiável, e ele tinha uma memória longa. Ele jurou fazer Sutton pagar por seus delitos um dia.

Sutton não acreditou em Tior na época, mas acreditava agora. Ele não podia permitir que Lady Christiana pagasse por algo que ele fez. Sutton virou para o quarto para recuperá-la. Ela não ia gostar, mas precisavam sair. Ele não duvidava por um segundo que Tior sabia que ele pegaria um quarto na pousada também. Ele o estava esperando, e por alguma razão não percebeu que ele havia voltado. O estalajadeiro estava protegendo-o? Sutton não podia confiar nisso.

Ele correu para o quarto e encontrou Lady Christiana dormindo na cama. Ele bufou e foi acordá-la. Ela acordou com um grito, um que ele silenciou com um beijo. Era a única maneira. Ao menos, foi o que ele disse para si... Introspecção não era um dos fortes fatos de Sutton, e ele decidiu confiar no que funcionou até ali. Ele queria beijá-la, e ela deu a oportunidade perfeita para fazê-lo. Por que desperdiçá-lo?

capítulo cinco

Chris estava dormindo feliz até ser sacudida pela tentativa de Foxworth de acordá-la. *Claro*, ela gritou. Como não gritaria, considerando como ele a assustou, e ele precisava beijá-la. O toque dos lábios dele nos dela a deixou aérea. Chris não queria o beijo. Não porque ela não pensava que não seria um bom beijo, mas sim porque viria dele. A habilidade dele não foi superestimada. Deixou-a sem fôlego e encheu-a de desejo... para ele.

Levou vários segundos para voltar à realidade, e quando voltou, Chris ficou horrorizada por ter se permitido se perder naquele beijo. Ela imediatamente se afastou dele e arrancou a boca da dele. Os lábios dele estavam inchados e formigavam. Ela queria, ah, ela... o queria. Ela empurrou esse pensamento para longe. Querer um homem como o Marquês de Foxworth não levaria a nada além de um coração partido. Chris não ansiaria por ele. Ela encontrou o olhar dele e limpou a boca, como se para apagar a mancha que o beijo dele deixou nela.

— Nunca mais faça isso.

Ele abriu um sorriso quase preguiçoso.

— Por que não? Você gostou.

— Não gostei. — ela o encarou. — Por que me acordou? — ela olhou dele para a mesa e, em seguida, perscrutou o restante do quarto. — Não trouxe nada para cuidar da ferida. Uma criada trará as coisas? — ela olhou para o ombro ensanguentado e franziu a testa.

— Quanto a isso...

— Não me diga que me acordou sem motivo. Por que não buscou o que era necessário? — ela suspirou. — Não foi por isso

que saiu mais cedo?

Ele balançou a cabeça.

— Foi, mas enquanto eu estava no salão principal me deparei com uma dificuldade.

Ela encontrou o olhar dele.

— Não há água? — ela inclinou a cabeça para o lado. — Nada de panos limpos? Todo o sabão desapareceu? — ainda assim, ele não respondeu. — Já sei... — ela estalou os dedos. — Você se perdeu nos seios de uma garota que o beijou até que se esquecesse.

Ele riu.

— O único beijo em que me envolvi foi aqui com você.

Chris fez uma careta.

— E não haverá mais nada disso entre nós. Agora, explique-se. — Não a deixava nem um pouco feliz por ele não ter ficado com outra mulher. *Meleca*, sim, a deixava, mas ela não admitiria.

— Como eu estava dizendo, me deparei com uma dificuldade, e não pude adquirir nenhum suprimento. Não cheguei a pedir nada. Este problema surgiu antes que eu pudesse. — ele se levantou e acenou com a mão para ela. — Pegue sua valise. Precisamos ir agora.

Ele bateu a cabeça?

— Estou cansada. — não conseguiu evitar o choramingo na voz ao falar. Ela ficava irritada por soar como uma criança mimada. Ela estava tão exausta que não conseguiu impedir o tom queixoso que dominou sua voz. — Não vou a lugar nenhum.

Ele suspirou.

— Sim, você vai. — ele foi até onde a valise dela estava e agarrou-a. — Não discuta. Não sei quanto tempo temos, antes que descubram que estamos aqui.

— Quem? — Chris estava cansada dessa situação. A noite inteira foi uma viagem de ida e volta do inferno, e agora ela parecia estar voltando para lá. Por que tudo deu errado? — E por que eu deveria me importar?

— O homem que queria raptá-la. — ele disse, o tom era firme e sério. — E acredite, você não quer conhecê-lo.

Ele estava certo. Ela não queria conhecer esta pessoa, Tior, e naquele minuto em particular, ela odiava-o mais do que a Foxworth. Era culpa do Tior que ela estava presa com Foxworth.

— Está bem. — ela se levantou e se esticou. — Eu vou, mas não estou nada feliz com isso.

— Não me importo muito se você está. — ele disse com sarcasmo. — Tem que ser feito mesmo que nenhum de nós goste, e eu com certeza não gosto. Meu braço dói, e estou tão exausto quanto você. Eu, ao menos, não sou rabugento.

Ela queria discutir sobre a observação, mas só provaria que ele estava certo, e ela se recusava a fazer isso. Além disso, estava sendo beligerante. Em sua defesa, Chris acreditava plenamente que ela tinha o direito de ser. Nada acontecia a seu favor desde que ela fugiu da escola da Srta. Agatha.

— Vai ralar comigo, ou gostaria de ir embora?

— Eu gostaria de dormir, mas não posso fazer o que quero. — ele também soou um pouco petulante. Bom. Se ela precisava ser infeliz, ele também seria.

— Somos dois. — ela levantou o queixo, desafiadora. — Mostre o caminho. — Chris gesticulou em direção à porta.

— Fique longe do salão principal, e tente evitar qualquer um ao sairmos. — Foxworth pediu, ainda segurando a valise. Chris considerou tomá-la dele, mas decidiu deixá-lo carregá-la. Era o mínimo que ele podia fazer.

— Certo. — ela respondeu. — Parece bem simples.

— Vamos montar meu cavalo por um tempo, porém, em algum momento, teremos que andar para ele poder descansar um pouco. Talvez tenhamos que parar em algum lugar fora da estrada um pouco e repousar. Quero colocar um pouco de distância entre nós e Tior primeiro.

— Eu disse que tudo bem, dite o caminho, e... por ora, eu vou seguir. Estou muito cansada para discutir com você.

Amanhã estava perto o bastante para dificultar as coisas para ele. Não podia deixá-lo acreditar que ela sempre seria obediente. Além disso, quando encontrassem outra cidade, ela poderia arrumar uma diligência postal de lá. Assim ela poderia continuar o caminho para casa sem ele ao lado, e seria muito mais benéfico para sua reputação.

Eles deixaram a pousada sem nenhum incidente. Chris estava quase cansada demais para se importar. Talvez deixar a escola da Srta. Agatha não tenha sido a melhor ideia que ela já teve. Não que ela fosse admitir em voz alta. Por ora, ela ficaria com Foxworth e o deixaria protegê-la.

Ela esperou do lado de fora do estábulo enquanto o marquês recuperava seu cavalo. Quando saiu do estábulo, ele estava montado, e a valise estava amarrada à sela. Ele estendeu a mão para ela.

— Dê-me sua mão para que eu possa impulsioná-la.

Chris fez o que ele disse, e assim que se sentou na sela, ela se inclinou contra ele. Não porque precisava de conforto, mas por estar muito cansada para manter a cabeça erguida.

— Me avise quando precisarmos parar. Preciso fechar os olhos.

— Descanse. — ele disse. — Estou aqui. — as palavras foram tão suaves e gentis que a fizeram se encolher por dentro.

Era tudo o que ela precisava ouvir. Chris fechou os olhos e rezou para não cair do cavalo.



Sutton não deveria gostar da situação. Ele deveria odiá-la, mas quanto mais perto ela se aproximava dele, mais ele queria dela. Era um tanto perverso da parte dele. Não havia nada além de um pouco de luar para guiar o caminho. De verdade, ele queria que pudessem ter ficado na pousada. Maldito Tior... Após entregar Christiana para Graystone, ele faria uma visita ao conde. Era hora de resolver suas diferenças de uma vez por todas. Ele não poderia ter Tior lançando outras surpresas na frente dele. A atual viera em um momento muito inconveniente. Não que qualquer momento teria sido bom, mas Sutton odiava o quanto isso a magoava.

Ela atirou nele, irritava-o, e exigia mais do que qualquer outra mulher que ele conhecesse, no entanto, ela também era a única dama em que ele já prestou alguma atenção *real*. Havia algo nela que começara a ser atraente. Mesmo quando ela o atacava, e ele queria sacudi-la, ele precisava dela por perto. Por que mais ele se preocuparia em se familiarizar com a Srta. Agatha? Sutton precisava garantir que ela ficaria bem na escola, e ela esteve. Pelo menos até decidir sair sozinha e cair nas mãos de seus potenciais sequestradores.

Ela se mexeu no lugar.

— Quanto tempo mais vamos cavalgar? — a voz dela ainda trazia resquícios do sono. — Estou dolorida.

Ele também, mas não da mesma forma que ela. Ele estava com dor em dois lugares, no ombro e o pênis duro e esticando-se em

suas calças.

— Estamos na estrada há mais ou menos uma hora, gostaria de continuar.

— Se eles fossem nos seguir, será que já não teriam nos alcançado? Não podemos dizer que estamos galopando na estrada. Este é o passeio mais tranquilo que já fiz sentada em um cavalo. — ela estava começando a choramingar um pouco. Christiana não era o tipo de mulher que cedesse a qualquer tipo de fraqueza.

Sutton suspirou. Ele teria que parar durante a noite. Havia uma pequena clareira à frente, com uma pequena cobertura de árvores. Ele quase podia discernir o lugar perfeito em que a pouca luz da lua proporcionaria.

— Tudo bem. — ele respondeu. — Podemos parar. Tenho um cobertor pequeno que podemos usar para nos sentar.

— Só um? — Christiana perguntou, o desânimo gravado na voz enquanto tremia.

— Temo que sim. Não se preocupe. Vou ajudá-la a se manter aquecida.

Não tinham outra escolha. Ele não tinha como acender uma fogueira, e mesmo que tivesse, ele não o faria. Se Tior e seus homens decidisse vir atrás deles, uma fogueira seria a primeira coisa que eles procurariam. Seria como fazer um mapa do tesouro onde o X brilhava por quilômetros. O mapa seria irrelevante, eles poderiam seguir o arco-íris de luz até o pote de ouro. Sutton se recusou a facilitar para o desgraçado. Em especial, ele não queria que Christiana fosse um tesouro que o outro pudesse encontrar e reivindicar. Ela era dele.

Os músculos da mandíbula doíam de tanto ele cerrar os dentes. Ele não havia percebido, até aquele momento, que a queria para si. Ele deveria ter percebido. De alguma forma, ele manteve-se cego

para as próprias motivações. Talvez porque ele não estava pronto para vê-las com clareza. Ela era muito jovem, mas agora... Ele poderia tê-la. O problema, é claro, era a própria dama. Ela não cairia nos braços dele tão facilmente, e se ele fosse honesto consigo mesmo, ele não queria que fosse assim. Parte do apelo era aquele orgulho teimoso e independência intencional.

Sutton puxou as rédeas para parar o cavalo.

— Pronta para desmontar? — ele perguntou.

— Sim. — disse ela. Cada fragmento de exaustão ecoado em uma palavra.

Ele a ajudou a descer. Ela esticou os braços acima da cabeça e concedeu uma bela vista de onde ele ainda estava na sela. Os seios dela se ergueram, e ele sentiu as mãos coçarem para se estenderem e a tocar. Ele segurou um gemido. Não era a hora de tornar seus desejos conhecidos. Sutton deslizou do cavalo e agarrou as rédeas com firmeza.

— Siga-me. — ele ordenou. Ia ser uma longa noite.

Eles caminharam em silêncio até um grande carvalho. Ele amarrou as rédeas a um galho de baixa inclinação e, em seguida, puxou o cobertor. Ele o colocou no chão e, em seguida, sentou-se. Sutton acenou para que ela se juntasse a ele.

— Venha aqui e sente-se ao meu lado. Se ainda estiver cansada, apoie-se em mim. Vamos nos aquecer.

— Eu não quero. — o tom era petulante, e os lábios dela apertavam-se em teimosia.

— Por quê? — ele não tinha tempo para qualquer tipo de birra. Sutton estava cansado e ranzinza, e o ombro ainda doía. A dor havia diminuído, mas ainda o alfinetava se fizesse certos movimentos. Ao menos, ela o acertou só de raspão, e nada precisava ser retirado dele. Ele acenou para o seu lado ileso. —

Prometo que não vou morder. Sente-se deste lado, por favor, e tente não mutilar este ombro. Mal consigo mover o outro.

Ela franziu a testa.

— Desculpe-me. — ela balançou a cabeça. — Eu não deveria ter atirado em você, porém, às vezes, você me deixa tão brava.

— Vou ter isso em mente para quaisquer eventos futuros onde você tenha uma pistola ao seu alcance. — ele disse sem expressão. Sutton olhou para o céu e fez uma prece silenciosa para salvá-lo de endiabradas infernais que pudessem acabar com a vida dele. Ele a olhou e ordenou: — Agora, por favor, sente-se. — ele ficou um pouco surpreso por a megera se desculpar.

Ela bufou.

— Tem certeza? Pelo menos dormi um pouco. E se eles nos encontrarem?

— Não encontrarão. — Deus, esperava que não. Ele não estava em posição de defendê-los. Os dois estariam à mercê de Tior. — Por favor, pare de reclamar. Nós dois precisamos descansar para podermos viajar até a próxima cidade pela manhã. — ele estava perto de implorar.

— Tudo bem, eu vou, mas eu não gosto. — ela sentou-se ao lado dele e inclinou a cabeça no ombro ileso dele. — E vamos embora assim que o sol nascer.

Ele descobriu gostar de tê-la ao lado dele, e não sabia se era uma coisa boa ou um mau presságio.

— Anotado. — ele disse, mas o sono já estava começando a reclamá-lo. Imagens dela encheram sua mente e assombraram seus sonhos. Tudo mudara no período de horas, e Sutton não estava certo se gostava do caminhar das coisas.

capítulo seis

Calor se espalhava pelo corpo de Chris, e suor escorria pela testa. Ela tentou jogar a coberta para longe de si, mas não conseguiu alcançá-la. Havia algo pesado no ombro dela. Ela empurrou, mas não se mexeu. Por que isso sempre acontecia com ela? Ela resmungou e forçou uma pálpebra a abrir, em seguida, o outro, e se lembrou da situação.

Esta não era a cama dela, e não havia cobertor para mantê-la aquecida. Foxworth mantinha o frio à distância, mas ela não deveria estar tão quente. O ar da manhã trazia frescor com ele. Chris levantou o braço dele e o afastou dela. Ele não se moveu nem uma vez desde que ela acordou.

Ela o estudou e franziu a testa, preocupação espalhando-se por todo o seu corpo. O rosto dele havia perdido toda a cor. Bem, nem tudo... suas bochechas estavam coradas. Ela levantou a mão e pressionou a parte de trás na testa dele, em seguida, envolveu as bochechas dele com ambas as mãos. Ele estava queimando. Chris sussurrou um xingamento. A maldita ferida deve estar infectada. Era tudo culpa dela. Por que ela considerou uma boa ideia atirar nele? O que ela deveria fazer?

Chris desfez o nó do lenço de pescoço dele e o tirou, em seguida, abriu a camisa para olhar a ferida. Escorria um pouco de sangue, mas estava quase fechada. A pele ao redor do corte era de um vermelho brilhante. Eles deveriam ter tirado um tempo para cuidar direito. O quadro atual poderia ter sido evitado. De mais de um jeito... Culpa a inundou, seguida de perto por medo.

— Ora, ora... — um homem de forte sotaque escocês disse. — Que temos aqui?

Ela se virou para ele e franziu a testa. Este homem não era como os rufiões que tentaram raptá-la. Ele era alto, talvez até mais alto que Foxworth. Onde o marquês era escuro, este homem era claro. Ele tinha cabelos dourados e olhos verdes como o mar.

— Quem é você?

— Peço desculpas. — disse ele. Havia maldade no tom. — Por favor, perdoe minha falta de boas maneiras. — ele curvou-se. — Eu sou o Conde de Tior, mas você, moça, pode me chamar de Declan.

Era dele que estavam fugindo? Ele era lindo e todo encantador. O comportamento canalha dele colocava o de Foxworth no chinelo.

— Devo recusar sua generosa oferta. — ela ergueu o queixo. — O que quer?

— Ora, você, é claro. — ele disse como se as intenções dele fossem óbvias. — Foi bom que Fox estivesse dormindo e a deixou desprotegida.

— Ele não está... quer dizer... — ela suspirou em aborrecimento. — Está doente, seu ridículo.

— Está, é? — ele levantou uma sobrancelha. — Que interessante. O que o aflige? — ele encarou Foxworth. Estaria tentando descobrir se ela mentia?

— Não tenho certeza. — ela mordiscou o lábio inferior. Deveria contar tudo a ele? Foxworth não confiava nele, e, em geral, ela ficaria do lado do conde porque o marquês não gostava dele. Com a decisão tomada, ela continuou: — Acredito que o ferimento dele pode estar causando o mal.

— Ferida? — ele inclinou a cabeça para o lado, e o olhar se estreitou ao olhar para o sangue na camisa de Foxworth. — Como ele se feriu?

As bochechas de Chris esquentaram, odiava ter de admitir...

— Eu atirei nele. — ela murmurou.

— Fale alto, moça, não sei se te ouvi direito. — ele parecia um pouco perplexo, e Chris não o culpava. Havia dias em que ela não entendia as próprias ações.

— Eu atirei nele. — ela disse mais alto.

— Foi o que pensei ter dito. — ele começou a rir, um pouco espalhafatoso, como se não pudesse se controlar. Enxugou uma lágrima do canto do olho. — Por que fez isso? — ele mal conseguia enunciar as palavras, pois continuava a rir.

— Ele mereceu. — ou assim ela pensou na hora. Agora, porém, ela não compartilhava da diversão dele pela situação de Foxworth.

— Mas, ele não é noivo? — a confusão voltara e, de alguma forma, ele conseguiu sumir com o humor.

— Claro que não. — ela disse, um pouco afrontado. — Por que raios eu me casaria com ele?

O conde permaneceu quieto por um tempo. Chris não sabia o que pensar dele. Ele não parecia o ogro que Foxworth dissera que ele seria. Era um homem agradável de se olhar, e tinha bom humor. O que havia para não gostar? Após vários instantes de silêncio, ele assentiu.

— Sim. Por que faria isso? — e se afastou deles.

Estava demasiado fácil.

— Espere. — ela gritou com ele já de costas.

Não ocorreu, até que ele se virou para sair, que ela poderia usar da ajuda dele. Não podia cuidar de Foxworth sozinha, e decerto não poderia colocá-lo no cavalo.

Ele não a escutou. Agora, ela começava a ver como ele poderia ser irritante. O homem odioso continuou andando e ignorou-a. Pânico começou a se estabelecer. O que ela faria? Chris se levantou e começou a andar. Vários minutos depois, ela ouviu uma comoção. Vários homens, e Tior, estavam vindo na direção dela.

— Pensei que tinha partido. — ela disse a Tior assim que ele voltou para o lado dela.

— Eu não conseguiria partir sem ajudar uma dama em apuros. — ele acenou para os homens. — Cuidem dele, e escoltarei nossa convidada até minha carruagem.

— O que fará com ele? — ela não podia deixá-los machucar Foxworth. Voltou o olhar para ele e, em seguida, voltou-se para Tior. — Ele precisa de um médico.

— E terá um. — Tior disse. — Vamos ao Castelo Tior e meu médico cuidará dele. Pode acreditar. Não estou pronto para vê-lo morrer.

Chris não o entendia, nem esse rancor que guardava de Foxworth.

— Por que você o odeia tanto?

Ele estendeu o braço para ela.

— É uma longa história de traição, e não uma para ouvidos inocentes. Ele sabe o que fez. Não preocupe essa bela cabeça com isso.

Asno condescendente...

Por que os homens acreditavam que uma mulher não consegue lidar com a verdade? Quando Foxworth estivesse bem, ela o faria contar a ela. Por ora, ela deixaria Tior fazer como quisesse. Ela gostou da ideia de ir ao castelo dele. Ela faria bom uso de uma banheira e um cochilo longo. — Qual a distância do Castelo Tior daqui?

— Não muito longe. — ele disse e, em seguida, sorriu. — Foi bom que Foxworth tenha tomado a direção da minha casa. Deixou mais fácil para mim, encontrá-la.

Isso foi tolice de Foxworth. Talvez, a febre dele tenha começado na noite anterior. Era a única explicação para a decisão de dar

ouvidos aos choramingos dela e parar durante a noite. Ela suspirou. Não havia como remediar agora. O destino deles foi selado. Ela iria com Tior e esperaria que não se arrependesse mais tarde.



A cabeça da Sutton doía como o diabo. Onde diabos ele estava? A cabeça dele resvalou contra uma prancha de madeira. Espere... algo não estava certo. Sutton abriu os olhos. Doíam, e a luz os fazia arder um pouco ao observar os arredores. Ele estava em algum tipo de carroça. Dessas que fazendeiros usam para transportar suprimentos. Era tudo de madeira, nenhuma almofada à vista.

Ele abriu a boca para tentar perguntar onde estava, mas estava seca, e ele não conseguia formar palavras. Tudo o que conseguiu foi soltar um grunhido.

— Não tente falar. — um homem o aconselhou. — Posso ver que te dói.

Sutton virou a cabeça e estremeceu. O que havia de errado com ele? Ele começou a tremer quando frio o envolveu. Forçou-se a olhar para o homem, e o reconheceu. Era o homem mais velho que tentou raptar Christiana. Sutton tentou se erguer, mas não conseguia se mexer. Ele estava muito fraco, machucado demais.

— Vejo que está se lembrando. — O velho sorriu. — Isso é bom. Deve saber qual o teu destino.

— Chris... — ele conseguiu enunciar parte do nome dela.

— Tua moça? — Presunção enchia o tom do homem. — Não te preocupa com ela. Tior está com ela. Está segura.

O inferno que ela estava. Se Tior estava com ela, ela estava em perigo. Poderia machucá-la... Após o que aconteceu entre eles, Tior pode fazer qualquer coisa com ela, o que aterrorizava Sutton. Como ele foi permitir que isso acontecesse? Ele deveria protegê-la. Em vez disso, estava tão fraco quanto um potro recém-nascido. Mover qualquer um de seus membros exigia esforço extremo.

— A moça disse que atirou em você. — o velho riu. — Isso fez toda a gente rir. Tior achou um tanto engraçado.

Inferno...

Uma infecção se instaurou. Por isso ele não se lembrava da situação atual. Os dois foram presas fáceis para Tior. O desgraçado conseguiu o tesouro, afinal. Sutton falhou de maneira miserável. Ele esperava que Christiana o perdoasse um dia. Embora ele não a culpasse se ela não o fizesse. Ele merecia a ira dela por esta bagunça.

— Vá para o inferno. — aos poucos, ele recuperava a habilidade de falar. — Onde estamos?

— Na estrada para Tior. — o homem sorriu. — O laird ordenou que um dos rapazes fosse buscar o médico. Ele te quer saudável para o que planejou.

— E o que seu laird planejou?

Seja o que for, não seria bom. Sutton se amaldiçoou em um murmúrio. Deveria ter lidado com Tior há muito tempo.

— Não sei dizer direito. — o velho inclinou a cabeça para o lado. — Seja o que for, pode acreditar ser diabólico. Ele tinha um brilho no olho bastante assustador.

Isso era o que Sutton temia. Enquanto Tior mantivesse sua vingança apenas em Sutton, ele aceitava a situação. Quando, ou se ele decidisse adicionar Christiana ao plano, então ele teria que protestar. Ela não merecia nada disso. Ele esperava que ela

estivesse segura. Ele ficava aterrorizado em pensar que ela não estaria. Faria qualquer coisa para protegê-la.

O cambalear da carroça parou.

— Ah, chegamos. — o velho olhou para longe. — Chegamos à festa.

— Estou muito feliz. — ele disse com sarcasmo.

— Cês dois. — o velho gesticulou para algum lugar além dele. — Venham aqui e carreguem o marquês para dentro. O laird quer que ele seja tratado com cuidado. A câmara deve estar pronta para ele.

Sutton teria lutado se tivesse alguma força para fazê-lo. Ele tentou levantar o braço que mal saiu da posição original. Seus olhos estavam voltando a ficar pesados também. Se ele não superasse logo a convalescença, Tior poderia fazer o que quisesse; inferno, ele poderia fazê-lo de qualquer jeito.

— Deixe-me morrer. — ele murmurou.

— Receio não poder permitir isso. — Tior disse ao vir pairar acima dele. — Temos muito que fazer juntos, e não podemos nos dar ao luxo de que perca seu casamento.

O velho tinha razão. Com certeza, havia algo diabólico no olhar de Tior. O sorriso também não era muito melhor. Zombava de Sutton.

— Vá para o inferno.

— Já estive lá. — Tior respondeu com calma. — É sua vez de passar um pouco de tempo lá. Enquanto isso, farei companhia à sua senhora. Não te preocupa. Prometo que ela estará pronta e disposta a dizer os votos. Tudo o que ela precisa é do noivo saudável e disposto.

Que raios ele divagava?

Então, se lembrou da mentira que contou ao velho.

— Ela não é...

— Mas, é sim. — Tior insistiu. — Não vai querer ver a pobre garota arruinada agora, não é? Se assim for, eu ficaria feliz em me divertir com ela. É uma moça adorável.

— Mato você... — ele mal conseguiu dizer as palavras.

— Neste caso... — Tior abriu um sorriso maligno. — Deixarei você imaginar todas as formas que a tomarei enquanto convalesce. Se eu fosse você, me curaria rápido... — ele assentiu e, em seguida, piscou. Ao terminar de falar, virou-se para os homens que carregavam Sutton e disse: — Levem-no ao quarto, mas não se esqueçam de trancar a porta.

Sutton lutou contra o aperto dos homens, mas falhou em se ver livre. Ele queria colocar as mãos no pescoço do Tior e esganá-lo. Era melhor que o desgraçado mantivesse as mãos longe de Christiana, ou ele manteria sua promessa de acabar com ele. Ele acabaria com ele sem pensar duas vezes. Christiana era dele, e ele a protegeria, custe o que custar.

capítulo sete

Chris olhou pela janela da câmara que a governanta de Lorde Tior a designou. O sol nascera há mais de uma hora. Ela estava acordada para ver a ascensão do astro ao céu. Na verdade, foi uma noite longa, e o sono inexistente. Ficou se revirando na cama, preocupação tomou conta da cabeça o tempo todo. Não conseguia apagar a culpa permeando sua mente de que se tivesse permanecido na escola, talvez não estivesse em Tior, e nunca teria atirado em Foxworth que, por sua vez, não estaria convalescente.

Ela era uma pirralha mimada. Chris ouvira muitas pessoas gritarem isso para ela, e tantas outras murmuraram o mesmo. Ninguém que ela já conheceu a considerava uma alma gentil. Todos a consideravam má, e deveriam estar certos. Chris era egoísta e acreditava que deveria ter o que quisesse. Essa atitude não mudou muito em seus anos na escola. Ela pode ter se acalmado um pouco, mas onde importava... Em suma, Chris era egocêntrica... sempre se achou no direito. Nunca viu razão alguma para acreditar no contrário.

Agora? Ela não podia deixar de se perguntar por que acreditava estar acima dos outros. Chris bufou com o pensamento. O pai era um homem podre. Seus próprios interesses os levaram à pobreza e à ruína. Se Billie não tivesse se casado com um duque, todos estariam em apuros. Billie não era egoísta. A irmã mais velha estava determinada a salvar sua família. Como Chris agradeceu? Arrastando a irmã gêmea em várias bobagens e comportamentos rebeldes. Essas ações levaram à separação das duas, cada uma foi enviada para uma escola de etiqueta diferente.

Isso deveria ter ensinado uma lição valiosa. Não ensinou. Sua situação atual falava muito das lições que aprendeu. Se resumiriam a um zero redondo. Não, ela não. Ela pensou que sabia de tudo.

Chris se odiava.

Foxworth não estaria lutando pela própria vida se, há muito tempo, ela tivesse aprendido a pensar em alguém além de si e no que acreditava merecer. Chris queria poder voltar e fazer uma escolha melhor. Infelizmente, era impossível. Tudo o que poderia fazer, era continuar a viver e tomar decisões menos centradas em si.

Ela deveria ir vê-lo. Talvez ela devesse seguir os passos de Billie e oferecer-se para ser sua enfermeira. Billie cuidara do duque quando ele adoeceu. Chris talvez pudesse fazer o mesmo.

E isso era totalmente ridículo...

Chris não era enfermeira. Ela não tinha paciência, nem habilidade para cuidar de ninguém. Por toda a vida, foi egoísta demais para se preocupar com cuidado ou qualquer coisa de remota utilidade. Prefere correr livre pelos campos ou nadar de camisola a confortar alguém. Não saberia nem como começar.

Ela suspirou.

O que deveria fazer? Chris se afastou da janela e foi até sua valise. A primeira coisa que ela deveria fazer era se vestir, em seguida, poderia localizar em que câmara Tior escondeu Foxworth. Ela não deixou de notar que o Conde de Tior não gostava de Foxworth. Mesmo que o marquês *não tivesse* mencionado, ela teria notado o ódio intenso emanando de Tior. Ela precisava ter certeza de que o conde não prejudicaria Foxworth. Isso ela poderia fazer, mas se ele o tivesse machucado, ela não sabia o que poderia fazer para evitar qualquer lesão futura no marquês.

Após colocar o vestido, uma peça diurna simples, azul com fitas de seda branca em torno do corpete, ela deixou seus aposentos e foi em busca de Foxworth. O castelo era grande e muito aberto. Ela supunha que muitos castelos mais antigos eram. Mesmo o castelo do Duque de Graystone não escapava de ter problemas. No entanto, Graystone começava a parecer um bom lar para ela. Ela não queria nada de Tior.

Ela entrou na sala de estar e encontrou-a vazio. Talvez todos estivessem tomando café da manhã... Ela não queria comer. Estava um pouco nauseada, e colocar comida no estômago não faria sentir-se melhor. Em vez disso, ela decidiu que investigaria por conta própria. Havia considerado perguntar para uma criada, mas como ainda precisava encontrar uma, procurar por conta própria era a melhor aposta.

Chris voltou lá para cima e começou a espiar por dentro dos quartos. A maioria estava de portas abertas, e era fácil de se olhar. Ela duvidava que qualquer um desses quartos seria usado por Foxworth. Ela teria que começar a abrir portas e esperar que, de alguma forma, tivesse a sorte de localizar. Após abrir cinco portas e não encontrar nada, estava pronta para desistir. Havia mais uma porta, e se ele não estava naquele quarto, ela não sabia onde Tior o instalara.

Ela abriu a porta devagar e espiou dentro. Havia alguém na cama. Ela não podia ter certeza se era Foxworth a menos que entrasse mais no quarto. Chris foi na ponta dos pés até a cama e olhou para baixo. Poderia ser Foxworth. A cor dos cabelos estava certa, mas o rosto estava coberto. Deveria cutucá-lo? Mover o cobertor? Ela mordiscou o lábio inferior e considerou o próximo passo.

O homem se moveu, ela pulou, e guinchou. Chris colocou a mão na boca, mas era tarde demais. Ele abriu os olhos e encontrou seu olhar. Os olhos dele quase pareciam vidrados e o rosto estava corado. No entanto, algo ela sabia e com certeza: era Foxworth, e ele ainda estava muito doente. Ele piscou várias vezes enquanto a olhava. Ela não sabia o que dizer. A culpa a dominava, e sentia-se ansiosa. Chris nunca se preocupou com nada. Era uma experiência nova.

— Olá, meu amor. — ele cumprimentou-a.

A voz dele saiu rouca. Suor cobriu a testa dele. Ele empurrou uma parte da colcha para longe, e ela mal segurou em um suspiro. Ele estava nu... pelo menos na parte superior do corpo. Ela não queria descobrir se ele estava nu na parte de baixo. A pele ainda não tinha muita cor, exceto pelas bochechas. Estavam tomadas por um rosa brilhante. Ele gemeu e perguntou:

— Veio terminar o serviço?



Sutton não se lembrava de já ter se sentido tão terrível. Tior não estava fazendo nada de verdade para ajudá-lo a se recuperar. Não que ele pudesse culpar o conde. Ele errou com o homem quando eram mais jovens. Se ele pudesse voltar e consertar, ele o faria, mas o dano estava feito. Seria sempre assim. O que significava que precisava aceitar o papel desempenhado, e as consequências dessas ações. Não era agradável, mas não havia nada que ele pudesse fazer para mudar algo.

— Nada a dizer? — ele ergueu uma sobrancelha. — Se você não está aqui para me matar, então, por favor, poderia se retirar?

Prefiro não passar mais tempo com você, Lady Christiana. Até eu estar melhor, seria melhor se mantivesse distância.

— Quer que eu... — ela engoliu com força. — Não posso fazer isso.

Ele teria rido se não doesse tanto.

— Não vejo por que não. Já tentou uma vez.

Ela abriu e fechou a boca várias vezes. Christiana não deve ter gostado de ouvi-lo dizer aquilo. Ela atirou nele e deveria aceitar que a escolha tinha consequências. Já passou da hora de ela perceber que suas decisões afetavam mais do que ela mesma. Na melhor das hipóteses, ela era uma pirralha mimada.

Ela limpou a garganta.

— Eu não estava tentando matá-lo. — os olhos dela não encontraram com os dele enquanto ela falava. — Sei que já me desculpei uma vez, mas não parece ser o suficiente. Para começo de conversa, errei em atirar em você. Desculpe-me.

Ele deve estar alucinando. Ela se desculpou mesmo com ele de novo? Sutton estreitou o olhar e a estudou.

— Quem é você, e o que fez com Lady Christiana Neverhartt? Soa arrependida de verdade. Você se desculpou muito bem da primeira vez, mas agora eu até acredito que seja sincera.

— Hilário. — a voz dela pingava de sarcasmo. — Sou capaz de ser contrita, e fui sincera com minhas desculpas... ambas as vezes.

— Não na minha experiência. — A cabeça dele doía com intensidade. Sutton estava passando por um enigma. Ele queria fechar os olhos porque a luz que entrava pela janela fazia a cabeça doer, mas queria manter o olhar nela também. Este era um novo lado dela. Um que ele nunca esperava ver. — Mas é bom ver algum crescimento pessoal em você. Não sabia ser madura o suficiente

para aceitar que poderia estar errada. Está sempre me surpreendendo.

— É tão terrível assim? — ela mordiscou o lábio inferior. — Eu não... — Christiana inclinou a cabeça e suspirou. — Eu ia dizer que nem sempre sou uma pessoa podre, mas não está certo. Sou mais do que não sou, mas estou tentando melhorar.

Sutton franziu a testa.

— Algumas de suas ações nem sempre são agradáveis e, muitas vezes, recebo os esforços menos agradáveis. — ele se ergueu a uma posição sentada. Continuar deitado parecia errado para esta conversa em particular. — Estamos em um pequeno impasse. O conde está determinado a se vingar de mim. Eu estive muito doente, então ele me deixou quieto em grande parte. Se eu não morrer por causa dessa infecção, ele vai me dar uma facada assim que eu melhorar.

— Essa é a minha avaliação também. — ela expirou alto. — O que podemos fazer?

— Você não vai fazer nada. — Sutton não tinha certeza do que Tior planejava, mas nada seria bom. Ele poderia tentar usar Christiana contra ele, de alguma forma. O que não seria bom para nenhum deles. Não havia como dizer o que ela faria se Tior a usasse. Ela era imprevisível. Essa característica era parte do que ele adorava nela, mesmo quando o frustrava. — Esperamos. Ao menos, por ora. Não posso fazer nada agora. Estou muito fraco para ser útil, e não faço ideia de onde colocaram meu cavalo.

— Tenho certeza de que está nos estábulos. Onde mais o colocariam? — ela começou a ir e vir com passos ansiosos, embora houvesse conseguido manter-se imóvel enquanto conversavam. Era um pouco incomum da parte dela. Em geral, ela não ficava parada nunca.

Ele deu de ombros.

— Não presumo nada no que diz respeito ao Tior.

Sutton inclinou a cabeça para trás, para se apoiar na parede atrás dele, e fechou os olhos. Ele não sabia quanto tempo mais conseguiria ficar consciente e conversar. Ele estava desvanecendo rápido, e odiava o quão mal ficara pelo ferimento à bala.

— Você está bem? — ela se aproximou da cama e colocou uma mão na testa dele. — Está queimando.

— Diga-me algo que eu não saiba. — ele quase rosnou as palavras para ela. Sutton estava sentindo-se pior, e não podia evitar. — Talvez seja hora de você sair.

A reputação dela já estava em frangalhos. Sutton não estava em posição de tirar vantagem dela, mas aos olhos da sociedade isso não importava. Ele estava muito nu e sozinho com ela nessa câmara. Ela estaria arruinada se alguém espalhasse a notícia. Quem ele estava enganando? Ele teria que se casar com ela quando voltassem. O problema seria convencê-la da sabedoria de um casamento.

— Não gosto disso. — ela fungou um pouco e apertou os dedos na lateral dos olhos, como se estivesse tentando impedir que as lágrimas caíssem. Sutton não se dava bem com mulheres chorosas. — Odeio ser responsável por sua ferida.

— Talvez da próxima vez, não devesse ficar tão feliz em colocar uma bala em mim. — ele falou sem expressão. — Ficarei bem.

— Promete? — os lábios dela balançavam um pouco.

Inferno...

— Meu amor. — ele disse com gentileza na voz. — Não vou a lugar nenhum. Tenho muitos planos para desistir agora. — ele desejava poder puxá-la em seus braços e confortá-la. O que seria

uma péssima ideia. — Odeio ser difícil, mas estou muito cansado. Pode voltar mais tarde?

Ela assentiu.

— Volto sim. — ela se inclinou e pressionou os lábios na bochecha dele. Não posso perdê-lo. — a voz dela saiu pouco acima de um sussurro, e as palavras perfuraram o coração dele. Às vezes, ele se perguntava como foi se apaixonar por uma moça tão espinhosa, e ela fazia algo assim. Estava toda carinhosa e doce, e o coração dele bateu mais rápido. Por ela, ele enfrentaria qualquer coisa, estava na hora de parar de brincar. Ela precisava que ele fosse melhor.

Ele não disse nada. Não conseguia. Não havia palavras que ele pudesse murmurar que fossem perfeitas o suficiente para este instante. Em vez disso, ele fechou os olhos e fingiu dormir. Ela seguiu para a porta, ficando alguns segundos ali, olhando por cima do ombro antes de o deixar sozinho com suas reflexões. O sono o abandonou, e ele desejava com desespero que não dormisse. Sofreu em silêncio e rezou para não falhar com ela.

capítulo oito

Chris saiu do castelo, esperando que um pouco de ar fresco a ajudasse a se sentir melhor. Ela não queria deixar Foxworth, mas não conseguia ver como o ajudaria se tivesse ficado. Ainda assim, ela deveria ter feito algo... qualquer coisa. Ela precisava encontrar uma forma de se livrar da culpa que a consumia.

— Aí, estás. — uma moça disse ao correr em direção a ela.

Ela tinha cabelos vermelhos vívidos, da cor das folhas no outono, e os mesmos olhos verdes do mar que o Conde de Tior.

Chris estreitou o olhar.

— Eu não devo sair? — Se o Conde de Tior esperava mantê-la confinada naqueles aposentos, ele mal sabia o que esperar. Ela não era prisioneira de ninguém.

— Ah, não. — ela disse e balançou a cabeça. — Nada disso. Declan pensou que você poderia apreciar companhia feminina. — ela apontou o dedo para si. — Eu sou Isobel. O bruto que se diz Conde e Laird desta terra é meu irmão. Finola se juntará a nós em breve. Ela é minha irmã mais velha. Nós duas somos mais novas que Declan.

Chris assentiu. Ela não tinha certeza do que mais deveria fazer. A garota falava rápido e não permitiu que ela intercalasse nem uma única vez. Ela respirava?

— Aí, estás! — Isobel exclamou. — Fin, aqui! — Chris esfregou a orelha. Doeu pelo grito alto.

Finola correu em direção a elas. Ela era de uma aparência mais branda que Isobel. Onde Isobel era brilhante, quase ao ponto de cegar os demais, Finola era mais suave e serena. Eram o mais

extremo oposto que duas pessoas poderiam ser. Lembrou-a de como ela comparou Foxworth e Tior no início.

— Tu a encontraste. — a voz dela soava quase reconfortante.

— Sim. — Isobel disse enquanto sorria para a irmã. — Agora, podemos ir.

— Ir para onde?— Chris perguntou.

O que essas duas planejaram para ela? Ela não estava certa se deveria confiar nelas. Ela já deixara o Conde de Tior ter mais controle do que deveria. Não importava que ela tivesse pouca escolha considerando a situação em que estava.

— Vais gostar. — Isobel sorriu. — Eu prometo.

Chris não era do tipo ingênuo. Ter um pai que jogou fora a fortuna da família não a fazia seguir os outros. Era parte da razão de ela ser uma endiabrada desde que aprendeu a andar... ninguém disse que ela não deveria ser selvagem, e foi como ela cresceu sabendo ser. Não que ela entendesse o que ser endiabrada significava quando era criança, mas como teve muita liberdade, ela se aproveitou dela. Ela aprendia o que podia do mundo ao seu redor, e nessas lições, descobriu que se ansiasse qualquer tipo de futuro, ela precisava tomá-lo. Nenhum homem permitiria que ela tivesse qualquer tipo de liberdade. Foi algo descrito com todas as letras quando o marido da irmã a mandou para um internato. Se ela não tivesse aprendido antes, bem, ela decerto aprendeu quando foi jogada em uma carruagem e enviada para a Escócia.

— Prefiro não me surpreender. — Chris odiava não saber o que esperar. — Então, devo perguntar de novo. Onde espera que eu vá com vocês? — ela não conhecia essas duas moças, e a deixavam desconfiada.

— Não há nenhuma razão para suspeitares tanto. — o sorriso de Isobel era quase contagioso, mas Chris não cederia sorrindo de

volta. — Vamos p'ra cidade. Não gostas de ir às lojas?

Ela não era contra, mas não queria deixar o castelo. Chris olhou de relance para a grande propriedade. Deveria checar Foxworth de novo? Ele pediu que voltasse mais tarde. Ela mordiscou o lábio inferior e contemplou o que deveria fazer. Chris voltou-se para as duas mulheres.

— Vocês duas são mais jovens que o Tior?

— Sim. — Finola disse. — Ele é dez anos mais velho do que eu. Meu aniversário foi há uma semana. Fiz dezoito anos. Esta aqui... — ela apontou para Isobel. — é um ano mais nova do que eu.

— Parecem um pouco diferente dele. — tinham os mesmos olhos, mas nada mais. Ele era todo dourado, e estas duas eram ruivas. Tonalidades diferentes, porém, bem vermelhas.

— É porque ele tem uma mãe diferente da nossa. Era uma moça inglesa, e como nosso pai costumava dizer, fraca. Foi um casamento arranjado, nada de amor. Ela morreu ao dar à luz. Nosso pai se casou de novo quando Declan tinha sete anos. Nossa mãe ainda mora aqui. Gostarias de a conhecer?

— Por que não conversamos enquanto caminhamos até a cidade? — elas eram uma fonte de informação. Seria uma boa ideia acompanhá-las nesta saída de compras. Ela sempre podia verificar Foxworth quando voltasse. Seria uma boa oportunidade para aprender mais sobre Tior e a família dele. — Tenho certeza de que sua mãe é adorável.

— Na verdade, não. — Finola disse. Ela as guiou na direção da cidade, e Chris emparelhou o passo com o dela e de Isobel. — Declan a considera uma harpia, e talvez seja, mas não cabe a nós dizer.

— Não? — Chris levantou uma sobrancelha. Parecia que Tior não se dava bem com a madrasta. Poderia ser vantajoso para eles.

Quando Foxworth melhorasse, precisariam escapar. Ela talvez se dispusesse a ajudá-los.

— Não. — Isobel balançou a cabeça. Terror encheu os olhos dela. — Ela nos esfolaria vivas se ousássemos desobedecê-la. Ninguém a contraria.

— Nem mesmo seu irmão? — ela inclinou a cabeça para o lado.

Quem era essa mulher para ter tanto poder, e será que ela estaria disposta a ensinar seus métodos à Chris?

Finola riu.

— O Declan é o laird. Ele sempre tem a palavra final, mas ele permite que ela administre a casa. Se ele se casar, temo que a noiva terá uma bela luta pela frente. Tenho pena de quem vier a ousar aceitá-lo como marido.

— Posso dizer com toda a certeza de que essa mulher não serei eu. — ela não pretendia se casar nunca. — Prefiro enfiar um alfinete no meu olho.

— Duvido que precisas ser tão extrema. — Finola disse e riu. — Tior não está procurando uma noiva tanto quanto parece que não procuras um marido. — ela inclinou a cabeça para o lado. — A menos que tenhas colocado os olhos no marquês acamado.

Foxworth?

Medo revirava seu estômago. Ela queria se casar com ele? Ela tinha sentimentos complicados pelo marquês. Decerto carregava muita culpa dentro de si em relação a ele, mas casamento? Não. Ela não podia se casar com ele. Se o fizesse, estaria ligada a ele para sempre, e ele teria muito controle sobre ela. Não importava o que ela sentia por ele como pessoa. O casamento era muito restritivo. Ela poderia, no entanto, considerar tomá-lo como amante.

— Ele é um amigo da família, nada mais. — o coração quer o que quer, e ela com certeza o desejava. Contudo, nunca seria a

marquesa dele.

Enfim chegaram à cidade. Finola e Isobel a levaram a uma loja de roupas e entraram. Ela não precisava de vestidos novos. Ao menos, não enquanto estivesse na Escócia. Talvez, quando voltasse para a Inglaterra, poderia fazer uma viagem para Londres para ver sua modista favorito. Isso não significava que ela não poderia admirar o vestido pronto na janela. Era uma peça de seda, cor de berinjela vibrante com contas de prata no corpete.

— Gostas? — uma mulher perguntou.

— É tão bonito. — ela sussurrou.

Chris repetiu para si que não precisava de um vestido, mas ela jamais se sentiu tão encantada por um. Era a cor. Ela sempre gostou de roxo. Em especial, das tonalidades mais escuras...

— Então, deverias levá-lo. — a mulher a encorajou.

— Quem me dera. — Chris franziu a testa. — Mas não posso me dar ao luxo desta despesa. — ela precisaria de todos os seus fundos para voltar para casa. Foxworth talvez fosse mais um fardo do que uma ajuda quando eles partiram.

— Sim, é perfeito. — Finola disse baixinho. — Deveria levar. Não se preocupe com o custo. Vou adicioná-lo à minha conta.

Chris queria se opor. Chegou até a abrir a boca, mas Isobel já estava empurrando-a para um provador, antes que ela tivesse uma chance, e se ela fosse honesta, não queria recusar a oferta de Finola. O vestido era mesmo perfeito. Então, ela permitiu que a costureira a ajudasse e fizesse as alterações. Seria o vestido dela...



Sutton acordou encharcado de suor e incerto de onde estava. O quarto estava envolto na escuridão. Ele se sentou de supetão e olhou ao redor. Esta não era a cama dele e, com certeza, não era sua casa.

— Vejo que acordou. — disse um homem.

— Quem está aí? — Sutton perscrutou a escuridão, na direção de onde a voz do homem viera. Estava muito escuro para fazer qualquer distinção.

— Sabe quem sou. — o homem inclinou-se para a frente, mas não era nada além de uma sombra movendo-se na escuridão do cômodo. — Tua convalescença te deixou surdo?

Convalescença? Sutton se inclinou para trás. A cabeça ainda pulsava de dor. Ele estava doente. Agora ele se lembrava, mesmo que desejasse poder esquecer. Christiana atirou nele, e a ferida foi tomada por uma infecção. Ela esteve no quarto com ele mais cedo, e se desculpara uma segunda vez. Algo que ele nunca acreditou que ela seria capaz de fazer uma vez, quanto mais duas. Ela parecia... transtornada.

— Onde está Lady Christiana?

— A moça está bem. — disse Tior.

— Eu mesmo farei tal juízo. — Sutton insistiu. — Leve-me até ela.

— Ela já se retirou para dormir. — Tior respondeu em tom casual. — E teus aposentos não são lugar para uma dama... mesmo que ela seja tua pretendida.

Que raios Tior estava dizendo? Ele acreditava mesmo que Christiana era sua noiva? Ele alegou ser sua esposa na pousada, e bem, ele disse aos capangas de Tior que era sua noiva. O estalajadeiro espalhou algumas fofocas? Não, é mais provável que os homens dele contaram. De qualquer forma, era uma maldita

bagunça. *Inferno...* Ele começava a pensar que precisaria se casar com ela, e o Senhor sabia que parte dele queria. No entanto, ele também a conhecia. Christiana não se juntaria a ele de bom grado no altar.

— Não vou me casar com ninguém. — ele cuspiu as palavras.

— Vais, sim. Ah, vai. — Tior disse em tom mortal e calmo. Fez o sangue de Sutton gelar. — Eu não permitirei que arruíne a reputação daquela pobre moça.

Ele levantou a sobrancelha mesmo sabendo que Tior não podia vê-lo mais do que Sutton podia vê-lo.

— Por que ages como um idiota?

— Não sou eu agindo como um maldito idiota. — ele disse com o mesmo tom calmo. — Você é que está. Não se importa com o que estás fazendo à moça? Está claro como o dia que ela está apaixonada por você.

Sutton cerrou os dentes em frustração. Ele ainda não se recuperara de todo, mas decerto estava melhor. Não em forma de lutar contra Tior pela reputação de Christiana.

— Desde quando você se preocupa tanto com a reputação de uma mulher. — ele não tinha certeza se Lady Christiana o amava. Ela talvez se importasse com ele, mas amor era um exagero.

Tior ficou em silêncio por vários batimentos cardíacos. Então algo, decerto os pés dele, se arrastaram pelo chão. Alguns segundos depois, o cômodo se iluminou quando Tior usou uma caixa de fósforos próxima para acender as velas no candelabro sobre a mesa.

— Pronto, assim é melhor. Essa conversa no escuro foi onerosa. Quero que veja meu rosto quando eu disser isso.

Sutton não falou que ficou feliz por ele acender a vela. A escuridão o enervava demais para o seu gosto.

— Estou aliviado. — a voz dele trazia uma pitada de acerbidade ao falar. — Pensei que talvez um fantasma tivesse decidido me assombrar, ou pior, havia chegado à vida após a morte e percebido que demônios eram reais.

— É bom que saiba que estás destinado a queimar no inferno. — Tior disse, estoico. Não moveu um músculo enquanto falava, como se desse notícias gravíssimas. — Agora que terminamos com as amenidades, falemos mais do futuro, ou melhor, do seu futuro.

Sutton inclinou a cabeça contra a parede detrás dele e tentou permanecer o mais casual possível. Ele não queria que Tior soubesse que o perturbara.

— É pelo que aconteceu em Eton, não é?

A mandíbula de Tior ficou tensa.

— Não, não é. Teu comportamento foi repreensível, mas há muito tempo deixei isso de lado.

— Bobagem. — Sutton disse. — Você não fez tal coisa.

Como poderia?

Graystone e Sutton fizeram a estada de Tior em Eton ser um inferno. Ele tinha uma boa razão para odiá-los. Uma vez levaram todas as roupas dele e as jogaram na latrina. Não houve como salvá-las após serem encharcadas de mijo e merda. As roupas foram abandonadas, assim como deveriam ter sido. Tudo o que ele pôde usar por três dias eram os pijamas. Ficou trancado no quarto até que novas roupas fossem entregues, faltando às aulas e ficando para trás. Então, quando estava quase recuperando o tempo perdido, eles roubaram as lições feitas com muito cuidado, e atearam fogo.

Eles foram horríveis com ele. Não havia travessura que não fizeram, até que, um dia, Tior deixou a escola e nunca mais voltou.

— Suponho que estejas correto. — Tior por fim admitiu. — Algumas transgressões são difíceis de se esquecer. — ele suspirou. — E talvez esta situação me conceda uma pequena quantidade de alegria. — ele inclinou-se e abriu um sorriso que enviou arrepios pela coluna de Sutton. Era pura maldade. Os olhos quase brilhavam de ameaça. — Vou gostar de forçá-lo a se casar com essa moça. É dela que tenho pena.

— Não vou me casar com ela. Ela nunca vai concordar. — ele precisava tentar fazê-lo entender. — Ela não me ama. Decerto percebe isso. Odeia-me com fervor. — ele desejava acreditar que ela poderia amá-lo, mas não, ele não se permitiria ter esperanças. Só o levaria a ter o coração partido.

Tior deu de ombros.

— Isso não é problema meu. Talvez devesse pensar em uma forma de fazer a moça se apaixonar por ti. Soube que és um belo libertino, e as senhoras adoram cair na tua cama. Como convencer uma única mulher seria tão complicado? — ele riu. — É uma pena que não poderei observar teus esforços. Ao amanhecer, um dos rapazes estará aqui para te ajudar a se vestir p'ro teu casamento. Não te faças de difícil ou te arrependerás.

— Já me arrependo. — ele murmurou.

— Sim. — Tior concordou. — Tenho certeza de que sim. — e riu de um jeito quase maníaco ao sair do quarto. Desgraçado maldito. Se ele não se casasse com Christiana, Tior poderia fazer algo pior. E se ele mesmo a cortejasse e forçasse Sutton a vê-lo se casar com Christiana? Ele o mataria.

Não havia outro remédio. De alguma forma, ele teria que convencê-la a se casar com ele. Pelo menos Sutton sentia algo por ela. Tior não; ele poderia tratá-la bem, mas nunca seria o que ela precisava. Apenas Sutton poderia ser essa pessoa. Seria uma longa

noite, e ele teria que discernir a melhor maneira de lidar com Christiana. Ele temia que a manhã traria uma tempestade a que ele não poderia sobreviver...

capítulo nove

A luz do sol fluindo pela janela deslizou pelo rosto de Chris. Ela gemeu e rolou. Não podia ser manhã já, podia? Um *clique* ecoou pelo quarto, seguido de um farfalhar no assoalho. Ela não sabia dizer quem entrara na sua câmara, mas estava certa de uma coisa: a pessoa não permitiria que ela ficasse na cama por mais nem um segundo, e isso a irritava.

— Vá embora. — ela exigiu.

— Lady Christiana. — uma mulher disse, temerosa. — Não posso. Tenho que seguir as ordens que me foram dadas. — a voz parecia com a da criada pessoal que o Conde de Tior havia designado para ajudá-la. Não que ela precisasse de ajuda. Chris era capaz de se vestir. Ela se tornou muito eficiente na tarefa nos últimos dois anos na escola. Não havia muitos funcionários na escola para ajudar as alunas com tais coisas. O que ela poderia fazer para que a criada a deixasse em paz?

— Volte em uma hora e, talvez, eu esteja mais disposta a deixá-la cumprir tais ordens.

Uma risada leve e arejada encheu o cômodo.

— Não és uma pessoal muito matinal, não é mesmo? — Lady Finola MacKay perguntou. — Por favor, não crie problemas para Maureen. É uma boa moça e está tentando completar as tarefas diárias. Ela tem mais o que fazer após terminar por aqui.

Meleca. Tinha que fazê-la se sentir mal. Agora não teria escolha. Precisaria rastejar para fora da cama e permitir que a criada a ajudasse a se vestir para o dia. Mesmo que ela não precisasse de ajuda...

— Está bem. — ela resmungou ao empurrar as cobertas para longe. — O que quer que eu faça?

Finola sorriu como se Chris tivesse feito algo simplesmente maravilhoso.

— Declan tem algo planejado para a manhã. Ele não contou o que era, mas prometeu ser uma surpresa que não esqueceríamos tão cedo. Ele pediu que todas vestíssemos nossos melhores vestidos, para estarmos prontas para uma celebração.

— De manhã? — Chris disse com uma pitada de ceticismo na voz. — Não acha... estranho? — ela com certeza achava. Eventos sociais costumavam acontecer à tarde ou à noite. Talvez houvesse tradições diferentes na Escócia que ela não conhecia. Tudo era possível...

— De modo algum. — Finola a tranquilizou. — Não é um horário tradicional para um evento, mas também não é inédito. Declan planeja ter uma celebração de um dia todo. Essas começam cedo e vão até as primeiras horas da noite.

— Ó... — ela ainda não confiava nesse desenvolvimento inesperado, mas agradaria a criada e Finola. Não deveria doer se levantar agora e se vestir. — Mas não tenho vestidos especiais.

— Ah, tens sim. — Finola sorriu com ternura. — O vestido que compramos ontem chegou. Isobel vai trazê-lo em breve.

Chris franziu a testa. Ela não esperava que as alterações já estivessem feitas. Se ela fosse honesta, não esperava estar por perto para pegar o vestido. Ela esperava que Foxworth estaria bem o suficiente para saírem mais tarde. Ele ainda poderia estar... Ela mordiscou o lábio inferior. Agora que ela teve alguns instantes para considerar as coisas, um evento de um dia de duração trabalharia a seu favor. Todos ficariam absortos nas festividades. Seria fácil para eles escaparem. Com tal ideia, ela se via bem animada para o que Lorde Tior teria planejado. Além disso, ela adorou aquele vestido roxo.

— Não sabe mesmo o que seu irmão planejou para o dia?

— Ele está sendo muito reservado. — Finola contou. — Embora eu tenha certeza de que mamãe sabe. Ele nunca conseguiria realizar um evento de grande escala sem o conhecimento dela. Ela tem um dedo em tudo, por assim dizer. Nada acontece a menos que ela esteja envolvida de alguma forma.

— Cheguei. — Isobel anunciou ao entrar no quarto. Trazia uma caixa grande nas mãos. Balançava-a como uma criança. — Os vestidos que encomendamos também chegaram. Vai ser um dia esplêndido.

Bem, pelo menos Isobel parecia feliz com os próximos eventos. Chris não sabia por que, mas estava com uma sensação perturbadora no âmago. Sim, ela acreditava que esta seria uma boa maneira de sair sem Tior notar, mas... algo não estava certo. Não conseguia explicar. Tudo o que ela poderia ansiar, era que não viesse a se arrepender do dia. Colou um sorriso em seu rosto.

— Esse é o meu vestido novo?

— É. — Isobel respondeu. Ela levou para Maureen e o entregou. — Retire-o da caixa para desamassar antes que Lady Christiana coloque.

— Sim, farei isso. — Maureen disse e foi realizar a tarefa.

Chris manteve a atenção em Isobel e Finola.

— Vão usar seus vestidos novos também?

— Talvez. — respondeu Finola. — Penso em guardar o meu para outra ocasião especial. Ainda não decidi. Já estou usando um dos meus melhores vestidos.

Era um lindo vestido de seda azul-safira profunda com uma fita de veludo ao redor da cintura e rendas delicadas ao redor do corpete.

— Vou usar o meu. — Isobel respondeu. — Não há muitos eventos sociais que eu possa participar. Ainda falta um ano para meus dezoito anos. Mamãe não me permite fazer nada e fica me dizendo para aproveitar meu último ano de liberdade.

— Sua mãe não está nada errada. — Chris respondeu secamente. — As mulheres não têm muitas escolhas. — às vezes, ela odiava ter nascido mulher. Os homens tinham todos os privilégios e podiam ditar o que uma dama poderia ou não fazer. — Mas isso é um tema para outro dia. Hoje é para ser divertido. — ela se virou para Maureen. — Meu vestido está pronto?

— Está. — Maureen confirmou. Trouxe o vestido para ela. — Vamos te arrumar. — Após a vestir para a celebração que Tior planejava, Maureen a fez sentar-se na penteadeira. Ela trançou os cabelos de Chris junto a uma fita roxa entre mechas loiras, em seguida, torceu-o em um *chignon* elegante. Alguns tendões soltos flutuaram em torno de seu rosto. — Pronto, agora está pronta. — ela sorriu com prazer.

Finola ficou no quarto, mas Isobel havia escapado, enquanto Maureen estava penteando os cabelos de Chris.

— Onde Isobel foi?

— Ela tinha que vestir-se também, nos encontrará no Grande Salão. Declan mandou os criados prepararem a refeição matinal, tudo começará lá.

Eles jantaram lá na noite anterior. Era uma sala grande, capaz de acomodar muitos indivíduos, e parecia que Tior alimentava muita gente.

— Então, creio que não devemos fazer ninguém esperar.

— Sim. — Finola concordou. — Quanto mais tempo demorar, mais Declan poderá ficar mal-humorado. Seu estômago o governa muitas vezes.

Chris riu.

— Meu irmãozinho é assim. Quando está com fome, pode se tornar muito difícil.

Houve algumas vezes, após a morte dos pais, quando não sabiam se conseguiriam dinheiro, que não sabiam de onde a próxima refeição viria. Ela sempre dava comida para Damon para que ele não sofresse. Na verdade, eles se revezavam para guardar comida para o irmão. Elas tentaram garantir que ele não sentisse os efeitos da morte dos pais pelo maior tempo possível.

— Irmãos podem ser difíceis. — Finola concordou. — Vamos ao Grande Salão, então.

Eles saíram do quarto. Chris gostava de Finola. Ela tinha uma personalidade reconfortante. Isobel era muito parecida com Chris, às vezes a irritava. Estar perto da garota mais nova a fez repensar algumas das próprias atitudes. Se ela mesma era tão irritante assim, ela entendia as frustrações das irmãs.

Quando chegaram ao Grande Salão, Finola colocou as mãos nas portas grandes e as empurrou para abrir. A sala estava quase que com lotação completa. Ela não percebera ter tantas pessoas na terra do Tior. Isobel já estava lá, ao lado de uma mulher com cabelos brilhantes como o dela. Ela parecia um pouco mais velha, e Chris presumiu ser a mãe delas. Ela perscrutou o ambiente. Todos pararam de falar quando ela entrou com Finola. Havia interrompido algo?

— A noiva chegou. — Tior anunciou.

Noiva?

Finola ia se casar? Ela não teria contado se fosse? Não teria sido enigmática, uma celebração especial. Chris franziu a testa e percebeu que Foxworth estava perto de Tior. Ele estava usando

algo novo também. As roupas em que chegou estavam um tanto danificadas. Tior deve ter arranjado...

Ora, que inferno...

Decerto aquele desgraçado não pensava que ela se casaria com Foxworth. Ela balançou o olhar de Tior para Foxworth. Não havia palavras proibidas suficientes para ela explicar o próprio desagrado. Ela girou no lugar, com a intenção de fugir, mas notou que o caminho estava bloqueado. As portas estavam fechadas, e seis homens corpulentos estavam na frente delas. Não havia escapatória...



Sutton fez uma careta quando Christiana virou-se para correr. Ele esperava que ela se opusesse a se casar com ele. Com certeza, não era assim que ele queria que o casamento acontecesse. Maldição, ele não imaginara casamento algum. Ainda mais, com uma mulher como ela. Ela o levaria a beber todos os dias... ou ela tornaria a vida dele mais interessante. Pode ser de qualquer jeito, e alguns dias poderiam terminar com os dois acontecimentos. Ela era um problema, no entanto, ele teve tempo de se adaptar à ideia de tê-la como esposa. Ela não teve tempo de pensar nisso. Por que ela não tentaria escapar? No lugar dela, ele teria feito a mesma coisa e, ao que parece, Tior antecipara essa reação também.

Declan riu de leve.

— Finola querida, por favor, escolte a noiva até o noivo.

Christiana virou-se para a jovem ao seu lado e a encarou.

— Traidor. — ela sussurrou.

Aquela pobre garota...

Declan não fazia ideia do que fizera. Christiana guardava rancor por mais tempo do que qualquer pessoa que Sutton conhecia. Um dia ela garantiria que Finola pagasse por essa suposta transgressão. O que a garota fez ou disse para convencer Christiana a ir ao próprio casamento? Ela era mesmo uma noiva adorável. O vestido roxo enfatizava sua beleza. Seus cabelos loiros estavam presos em um coque simples, alguns cachos perdidos emoldurando seu rosto. Pode ser um casamento forçado, porém, ao menos era uma noiva que ele queria, e ela tinha um vestido adorável para usar. No total... poderia ter sido muito pior.

Christiana empurrou Finola para longe e, em seguida, veio pisando forte na direção dele. O clérigo, pronto para realizar a cerimônia, estava ao lado de Declan. Era a Escócia, e eles não precisavam de nenhuma licença especial ou proclamas, para trocarem os votos. Ela deve ter percebido isso. Ao chegar perto, ela parou na frente dele. Seus olhos estavam cheios de raiva, pronto para fulminar e obliterar todos eles.

— Não vou me casar com você.

— Tem certeza? — Sutton levantou a sobrancelha.

Ele desejava ter feito melhor por ela. Esta não era maneira certa de fazer votos de viver para sempre com outra pessoa.

— Tenho. — ela insistiu, então olhou para ele da cabeça aos pés, e de volta. — Embora esteja bem-vestido, não *deveria* estar de pé. Parece a morte.

Sutton riu.

— Você não tem muita cor nas bochechas também. — Toda a cor foi drenada de suas lindas feições mais cedo, quando percebeu que um casamento estava sendo forçado. — No entanto, é um vestido adorável. Roxo combina com você.

Quanto a vestidos de noiva, ela poderia estar em pior situação. Ela era uma noiva adorável, e se ele estivesse sendo honesto consigo mesmo, queria tirar esse vestido dela e provar cada centímetro daquela pele deliciosa. Sutton desejava essa mulher mesmo quando ela o frustrava a ponto de querer ir ao inferno e voltar.

Ela o encarou.

— Não vou me casar com você mesmo assim. Não tente me encantar.

Se fosse assim tão fácil...

Sutton segurou a risada que queria escapar. Não iria agradá-la, e ele precisava que ela compreendesse a gravidade da situação.

— Temo não termos outra escolha.

— Sempre há uma escolha. — ela declarou.

— Embora tal troca seja divertida — Tior falou devagar. —, temo que devo intervir. Fox está certo. Você se casará com ele hoje.

Christiana virou-se para Tior e toda a força de sua fúria foi dirigida a ele.

— Você, senhor, não é meu irmão, meu pai, ou meu guardião, sendo assim, não pode me forçar a fazer nada. Nada me convencerá a me casar com esse homem.

— Nem mesmo para salvar a vida dele? — o rosto de Declan não tinha expressão. — Ou tua reputação?

— Não dou a mínima para a minha reputação.

Isso era verdade. Christiana sempre fez o que queria. Sutton poderia confirmar. Na verdade, era incrível ela ainda ter uma reputação a salvar.

— Mas você se importa com ele, não? — Declan inclinou-se para a frente. — Não deseja ter a morte dele na tua consciência, deseja?

Sutton prendeu a respiração. Ele não tinha certeza de como Christiana se sentia em relação a ele, mas não acreditava que ela o desejava morto. Ele precisava discernir a melhor maneira de alcançá-la... de fazê-la entender.

— Você não o mataria. — ela disse com confiança.

— Nunca disse que ele morreria nas minhas mãos. — disse Tior, e sorriu.

Havia algo naquele sorriso que colocava Sutton no limite. Christiana se afastou. Ela também viu, e a assustou.

Sutton se aproximou dela e a virou para ele.

— Meu amor. — ele disse, gentil.

Ela girou a cabeça, o olhar grudado no dele.

— Já não disse muitas vezes para não se referir a mim como seu amor?

— Contudo, e se você for meu amor? — ele não estava bem, e ficar de pé por tanto tempo estava pesando. Sutton não sabia quanto tempo mais conseguiria ficar de pé ao lado dela sem desmoronar. Era um dia triste se ele não conseguia ficar de pé em seu próprio casamento.

— Não seja tolo. Sabe que não acredito nisso. — os lábios dela tremeram um pouco ao falar.

Sutton fechou os olhos, então abriu e tentou outra vez.

— Talvez não. Eu poderia estar implorando por minha vida.

Isso pareceu sacudi-la um pouco. Ela olhou para Tior e, em seguida, de volta para ele.

— Ele não vai fazer isso.

— Não, *e*le não vai. — ele concordou.

Tior nunca sujaria as mãos, ou o título, com assassinato. É mais provável que ele despeje Sutton em algum lugar em que não sobreviveria para lutar para encontrar o caminho de casa. Em sua

condição atual, não seria preciso muito. Sutton encontrou e sustentou o olhar dela:

— Vamos, meu amor... Case-se comigo. Eu a desafio...

Ela estreitou o olhar e pressionou os lábios em uma linha firme. Christiana respirou fundo e se virou para Tior e para o clérigo.

— Vamos terminar com isso, para eu poder deixar este lugar miserável. Recuso-me a ficar qualquer segundo a mais do que o necessário para que esta farsa esteja completa.

Sutton sorriu.

Ela não estava feliz, e ele não a culpava. Nenhuma mulher queria ser forçada a se casar, e diabos, nem um homem. Ele encontraria uma forma de recompensá-la, e eles concordavam em algo mais: eles sairiam dali assim que a cerimônia terminasse. Não havia razão para ficar para uma celebração. Em especial, quando Tior gostava de vê-lo sofrer.

capítulo dez

O casamento, se Chris pudesse chamar a cerimônia desta forma, foi breve e não houve final feliz depois. Esta não era uma ocasião alegre. Foi uma farsa. Ela acreditava odiar Foxworth, mas Tior agora resplandecia neste posto. Se ela considerasse possível, encontraria outra pistola e atiraria nele. Ela não o mataria. Não, morte seria um fim bom demais para aquele desgraçado.

Ele a obrigou a se casar com o marquês. Ela esperava nunca se casar com ninguém. Não importava que o marido fosse Foxworth, ou que ele fosse o único homem que ela teria escolhido se quisesse um. Não que ela tivesse se sentido assim no início. Ela o odiava por muito tempo para abalar esses sentimentos com facilidade. Ao longo da pequena aventura dos dois, ela começou a vê-lo de uma forma diferente. Ele não era tão ruim, e tentou ser gentil com ela, protegê-la. Contudo, o que importava era que o direito de escolha foi tirado dela completamente. Era imperdoável, e ela nunca ficara tão brava em toda a vida.

Ela virou-se para Tior e exigiu:

— Prepare uma de suas carruagens para nós.

Tior levantou a sobrancelha.

— Por que eu deveria?

— Porque você me deve esse tanto. — ela cerrou as mãos em punhos. — E ele... — ela olhou para Foxworth. — Não está em condições de montar um cavalo.

Tior bateu o dedo na mesa na frente dele. Ele olhou para Foxworth e, em seguida, de volta para ela.

— Tudo bem, vou permitir que usem uma de uma das minhas carruagens, mas ficarei com o cavalo dele.

— Não me importo com o maldito cavalo dele. — ela retrucou. — Ele pode comprar um novo. — Foxworth estava cambaleando no lugar. — Mas é melhor uma carruagem estar disponível para nós no segundo em que pusermos os pés na entrada da casa, ou eu juro que vou garantir que se arrependa de ter me conhecido.

Ela pode cumprir a promessa de qualquer forma. Tior precisava entender que não podia brincar de Deus com a vida das pessoas. Chris não sabia quando ou como, mas ela daria um jeito de deixar Tior de joelhos. Ela pode ser paciente. Seria muito mais doce se acontecesse quando Tior menos esperasse.

— Não há necessidade de me ameaçar. — Tior respondeu com indiferença. Os lábios dele se inclinaram em um sorriso astuto, cheio de satisfação. Ela desejava poder, de alguma forma, fazer esse sorriso desaparecer e fazê-lo sentir, mesmo que um mínimo, do que ela sentiu. — A carruagem estará lá. Antecipei este pedido e deixei uma preparada, antes de você chegar para seu casamento. Encontrará sua valise já na carruagem também.

— Que generoso de sua parte. — sarcasmo pingava da voz dela. — E eu não ameacei ninguém. Faço promessas, e fique tranquilo, eu sempre as mantenho também. — ela avisou-o e era tudo que daria a ele. Chris não devia nada para este homem.

— Você é um tanto formidável. — Foxworth disse. Ele balançou um pouco, e ela se inclinou contra ele, para ajudá-lo a se manter de pé.

— Fique quieto. — ela ordenou. — Agora não é hora de conversas. Precisamos ir embora.

— Certa, você está. — ele concordou. Foxworth parecia um pouco bêbado. — Mostre o caminho, Lady Foxworth.

Ela quase o deixou cair após ouvir a última declaração. Não importava se era verdade. Ela não precisava do lembrete. Em vez

disso, ela fez o seu melhor para ajudá-lo a sair do Grande Salão, e para a entrada principal. Foi um ritmo lento e excruciante, porém, de alguma forma, ela conseguiu mantê-lo ereto. Quando chegaram à carruagem, ele quase caiu de cabeça no interior do veículo.

— Você precisa subir mais. — ela pediu. — Avance mais no assento. Eu tenho que me sentar na carruagem também.

Foxworth gemeu e conseguiu rastejar até o outro lado e se deixou cair no assento. Chris entrou na carruagem, sentou-se no assento oposto, e bateu no telhado.

— Vamos.

— Eles ao menos sabem aonde nos levar? — Foxworth perguntou.

— Não acreditei que fosse prudente parar e perguntar. Queria ir embora. Terão que parar em algum lugar para trocar de cavalo. Podemos perguntar quando chegar a hora.

Ele se forçou a uma posição sentada.

— Suponho ser verdade. — ele encontrou o olhar dela. — Qual o tamanho da raiva que sente por mim?

Ela sorriu, ou pelo menos tentou, mas desapareceu. Chris não podia fingir estar bem com este casamento. Ele não a amava. Que tipo de vida teriam?

— Não estou zangada com você. — era Tior a quem ela culpava. — Nós dois tivemos pouca escolha nisso. Contudo, não significa que estou feliz.

— Compreendo.

— Ouça, Fox...

Ele ergueu a mão.

— Creio que, considerando nossa situação atual, pode me chamar pelo meu nome.

Chris franziu a testa.

— Talvez. — ela concordou. — Se eu quisesse algum tipo de familiaridade com você. — ela faria o possível para mantê-lo à distância. Por isso que, mesmo em pensamento, ela não o chamava de nada além de Foxworth.

— É inútil. — ele disse e suspirou. — Não seja difícil. É uma coisa pequena para você fazer. — ele a encarou, esperando que ela vacilasse, mas ela não o fez. — Vamos, você consegue. Sutton. Diga.

Ela o encarou de volta.

— Se eu fizer isso, deite-se e descanse. Eu não estava mentindo quando disse que você parecia a morte. — ela se importava muito com ele, e isso a deixava nervosa, pois ele parecia horrível. Afinal, ele estar assim era culpa dela.

Os lábios dele se ergueram em um sorriso perverso.

— Meu amor, você diz as coisas mais elogiosas. Eu te adoro tanto.

Ele não disse que a amava. O apelido não era nada além de prevaricação, ou sua maneira de fazer luz ao que havia entre eles.

— Não comece com essa baboseira. — ela disse. — Agora, concorda com meus termos ou não?

— Nesta única coisa? — ele ergueu uma sobrancelha. — Porque acredito que precisaremos ter uma conversa muito mais séria mais tarde.

Chris franziu a testa. Ela sabia que ele estava certo. Este casamento não foi planejado. No entanto, era uma realidade, e ambos precisariam enfrentar esse fato.

— Aceito. — ela apertou os lábios. — Agora, sobre o primeiro... Concorda?

Ele suspirou.

— Concordo.

— Ótimo. — ela sorriu de verdade desta vez. — Sutton, por favor, deite-se e descanse. Teremos tempo de sobra para conversar quando sairmos da Escócia. — Chris queria nunca mais pisar neste país.

— Foi tão difícil assim? — ele riu de leve e deitou-se no assento.

Não havia muito espaço, mas pelo menos ele pareceu adormecer rápido. Deveria estar exausto considerando que não estava de todo recuperado. Chris inclinou-se para trás, e descansou a cabeça na lateral da carruagem. Ele quis voltar para casa para se recuperar. Ela se certificaria de que fossem para a propriedade dele, e quando estivesse melhor, teriam aquela conversa sobre o futuro deles.



Duas semanas depois...

Sutton encarou as paredes de seu escritório. Este era o primeiro dia em que ele se sentia inteiro desde que chegaram à sua propriedade. Christiana certificou-se de que chegassem lá, mas logo começou a ignorá-lo. Ela deixou a criadagem cuidar dele. Ele sabia de uma coisa com certeza: ela aceitou seu papel como marquesa. Quando chegaram, ela anunciou seu novo status, e quando ele não negou, os criados a aceitaram. Não havia volta para eles. Não que ainda houvesse muitas opções, mas ela nem sequer considerou tentar uma das poucas que existiam. Ela poderia ter conseguido o que queria se ele tivesse sucumbido à convalescença. Com a morte dele, ela estaria mais uma vez livre. Então, ele poderia ficar feliz por ela ter consciência e, de fato, o ter ajudado a sobreviver.

Ele precisava vê-la, falar com ela... abraçá-la. De alguma forma, ele precisaria convencê-la de que mereciam uma chance. O casamento pode ser bom para ambos. Há um mês, ele teria concordado com ela. Ele não estava com pressa para se casar, mas agora que ela era a esposa dele... ele não conseguia imaginar qualquer outro resultado. Eles pertenciam juntos. Não havia outra dama como ela. Ela o desafiava, e ele acreditava ser recíproco. Eles eram uma combinação perfeita. Tudo o que ele precisava fazer era fazê-la acreditar que uma relação real entre os dois era possível.

Sutton soltou a respiração, e deixou o escritório. Ele não podia esperar mais. Precisava acontecer hoje, ou poderia perder a coragem. Já havia passado muito tempo. Levaram bem uma semana para chegar à propriedade e passaram-se mais cinco dias, para que ele se recuperasse por completo. Quando ele saiu do escritório, ele quase bateu, de frente, com o mordomo.

— Barclay. — ele o cumprimentou. O homem tinha cabelos brancos como a neve e olhos castanho-claros. Era o mordomo dessa propriedade desde que conseguia se lembrar. — Viu minha esposa hoje?

— Vi sim, meu senhor. — disse ele. — Ela mencionou querer examinar os jardins. Creio que ela queria discutir algumas reformas com o jardineiro.

Ele ficava feliz que ela se interessasse pela casa dele. Queria que ela se sentisse como se pertencesse ao lugar tanto quanto ele acreditava que ela pertencia.

— Obrigada. — ele agradeceu Barclay. — Verificarei lá primeiro.

Sutton foi para a biblioteca. Havia acesso a um caminho para o jardim de lá, e era o lugar mais próximo para alcançá-lo. Ele saiu e começou a busca. Não demorou muito para localizá-la. Ela estava perto das rosas que a mãe dele plantou há vários anos. Eram

brancas com as bordas rosas. Ele sempre gostou delas. Christiana passou os dedos por uma das flores e sorriu. Ela parecia tão serena, e completamente contente. Era um lado dela que ele jamais testemunhara. Naquele momento, ele teve uma ideia de como poderia fazê-la perceber o quanto ele a amava, que sempre a quis, e que ela era a única mulher que ele poderia ter escolhido.

— Christiana. — ele disse baixinho.

Ela levantou a cabeça e encontrou seu olhar.

— Sutton. — ela respondeu. Ainda parecia estranho em alguns aspectos ela o chamar pelo nome, mas precisava admitir que amava ouvi-lo dela. — Está se sentindo bem?

— Estou. — ele disse. — Faz um par de dias que venho me sentindo muito bem. — era uma conversa estranha, e ele estava perdendo o controle do assunto, antes mesmo de começar. Isso foi muito... formal.

— Isso é bom. — disse ela, quase sem compromisso. — Fico feliz.

Ele cruzou os braços. De certa forma, parecia que não se conheciam, que esta era a primeira vez que se encontraram. Talvez até fosse. Eles estavam sempre se confrontando verbalmente, e inferno, ele fez questão de fazer amizade com a diretora da escola. Estava na hora de acabar com esse descontentamento entre eles.

— É hora de conversarmos.

— Concordo.

Ela não disse mais nada. Christiana o analisava com expectativa. Ela estava esperando que ele começasse a falar, e por que não? Ele foi até ela, não o contrário.

— Eu gostaria de mostrar algo antes.

Christiana ergueu uma sobrancelha?

— Ah é?

— Poderia dar uma volta comigo?

Ela assentiu.

— Admito que estou curiosa.

Sutton estendeu o braço para ela.

— Então, deixe-me guiá-la.

Ela riu de leve e cruzou o braço com o dele. Eles caminharam em silêncio por vários momentos. A tranquilidade entre eles parecia confortável, como se sempre tivessem sido assim juntos, e ele percebeu, naquele instante, que nem sempre precisava de palavras para se expressar. Ela... o aceitava, e ele a ela. Era isso que um bom relacionamento significava?

— Os estábulos? — ela virou-se para ele e inclinou a cabeça para o lado. — O que acredita que eu preciso ver?

— Paciência, meu amor. — ele disse baixinho. — Tudo será revelado em breve.

Ele a guiou pela construção, até o final. Havia uma baia lá que mantinha a surpresa, era algo que ele guardou para ela, e era hora dela reavê-la. Eles pararam na baia, e ela olhou para dentro, em seguida, arfou.

— É Calíope.

Ela correu e começou a acariciá-la. Christiana girou para olhá-lo de frente. Havia lágrimas escorrendo pelo rosto dela.

— Não pensei que ficaria com ela.

— Ela é sua. Eu não poderia me desfazer dela. — ele queria puxá-la para os braços. Precisava segurá-la, e mal podia esperar para beijá-la outra vez. Fazia tempo que seus lábios tocaram os dela.

— Não entendo. — ela olhou de relance para o animal. — Pensei que a venderia.

— Decerto poderia ter vendido. Ela é uma boa égua. — ele disse. — Mas não a aceitei como pagamento da dívida do seu pai para recuperar meus ganhos. Eu a aceitei para salvá-la... Para você.

Quando ele a conheceu pela primeira vez, tantos anos atrás, ele ficou impressionado com sua tenacidade e coragem, e não pode deixar de admirá-la... mesmo quando ela o deixou louco. Ela era muito jovem, e ele era muito cínico para perceber o que ela poderia acabar por significar para ele. O que, talvez, foi o melhor. Ele não estava pronto para o amor, e ela ainda precisava crescer.

— Seu pai... — ele fez uma breve pausa. — não era um bom homem. Parte de mim, temia que ele vendesse você, em vez do cavalo. Eu a teria devolvido mais cedo, mas bem, você agia como uma pirralha e fazia questão de me irritar a cada oportunidade que aparecesse. Por isso, eu a mantive mais tempo do que planejei.

— Você está certo. Meu pai era o pior. — ela colocou a mão no peito. — No entanto, o que não percebi... — a voz dela vacilou um pouco enquanto falava. — Fui tão ruim com você. Por que faria algo tão maravilhoso para mim?

— Não é óbvio?— ele deu um passo na direção dela e ajeitou uma mecha dourada perdida atrás da orelha dela. — Eu a adoro desde o instante em que nos conhecemos. Não entendia, mas sempre houve algo lá. — ele engoliu um nó que se formava na garganta. — Eu te amo. O dia do nosso casamento não é evento que vamos relembrar com carinho, mas não lamento que tenha acontecido. Forçou-me a admitir para mim mesmo que era exatamente o que eu queria. Preciso de você, e só me resta esperar, à medida que encontrarmos nosso caminho juntos, você possa vir a me amar também.

Ela deu um passo à frente, eliminando a distância entre eles, e colocou uma das mãos no rosto dele.

— Seu tolo. Eu já te amo. Como não poderia? Você é o único homem que teve coragem de me desafiar. Desculpe-me por ser difícil, e não posso prometer que nunca mais serei assim. Posso prometer que sempre amarei você, não importa o que aconteça. — ela respirou fundo. — E, não, nosso casamento não foi mágico, mas era o que nós dois precisávamos. Somos teimosos demais para aceitar o que queríamos, e sem a mão de Tior, talvez ainda estivéssemos nos digladiando.

— É verdade. — ele concordou, e sorriu.

— Claro, isso não significa que não vou fazê-lo se arrepender um dia. — ela disse. — Aquele homem precisa aprender uma bela lição. — Christiana sorriu. — Entretanto, eu tive uma quinzena para aceitar o nosso casamento, e o que ele significa para mim. Não pode se livrar de mim mesmo se tentar. Você é meu e, além disso, nunca digo não a um desafio. Se não me quisesse, nunca deveria ter me instigado a dizer os votos.

— Eu quero você sim. — ele a assegurou. — E planejo provar pelo resto da minha vida.

Não havia mais necessidade de palavras. Ele baixou a cabeça e apertou a boca na dela, beijou-a, por fim, do jeito que ele queria. Esta era a chance deles de terem tudo, e ele pretendia garantir que teriam tudo mesmo.

epílogo

J á fazia um tempo desde a última vez em que Chris esteve em Londres, e se ela não tivesse que contar às irmãs do casamento com Sutton, ela não estaria aqui agora. Elas a esperavam. Ela enviou uma carta dizendo que se atrasaria, mas não deu nenhuma explicação. Era algo que precisava dizer face a face. Billie poderia não acreditar no início. Sua gêmea, Carly, entenderia, mas seria a que ficaria mais surpresa. Quantas vezes Chris alegou que nunca se casaria? Chocada nem sequer começava a descrever como a irmã se sentiria.

Ela caminhou pela casa o mais quieta possível. Chris queria localizar Carly, contar primeiro para ela. Chris esperava que a irmã aprovasse sua escolha, mesmo que isso não mudasse suas circunstâncias. Era importante que tivesse um bom relacionamento com a gêmea.

Chris entrou na biblioteca e estudou sua gêmea. Carly se inclinava contra o assento da janela na biblioteca e olhava para fora. Ela parecia quase... melancólica. O que poderia estar a incomodando? Quando Carly sentia-se chateada, ela se fechava para todos.

Chris empurrou a porta contra a parede de propósito, para fazer um grande barulho. Esperava que distraísse a irmã. Carly olhou para a entrada e disse:

— Que raios...

— Carly. — Chris disse com entusiasmo e foi para o lado dela.

— Senti tanto a sua falta.

Carly passou os braços em volta de Chris e a abraçou com firmeza.

— Você enfim chegou. — ela a apertou forte. Carly deve ter sentido tantas saudades quanto ela. — Como foi na Escócia?

— Horrível. — Chris disse, recuou e mordiscou o lábio inferior. — Um... — ela disse e olhou para longe. — Preciso contar algo. — Chris atravessou a biblioteca e abriu o armário onde Graystone guardava seu conhaque. Ela tirou o decantador e dois copos, e levou-o para Carly. Ela precisava de uma bebida para contar o segredo.

— É tão ruim que precisamos beber para que desembuche? — Carly ergueu uma sobrancelha questionadora.

— Acredite, vamos precisar. — ela derramou conhaque em um copo, bebeu tudo. Em seguida, encheu os dois copos, e entregou um para Carly.

Carly tomou um gole.

— Estou casada. — Chris desabafou.

Não houve tempo de engolir o conhaque. Carly cuspiu, e o líquido voou para cima de Chris. Carly a limpou e a encarou.

— Obrigada.

— Poderia ter esperado até eu terminar de engolir, antes de me dizer isso. — ela balançou a cabeça. — Estou confusa. Casada? — ela uniu as sobrancelhas. — Quem? Quando?

Chris suspirou.

— Não estou fazendo nada disso bem. Vou precisar de sua ajuda. Billie vai ter um ataque, e tenho medo de contar a ela. Depois que ela perdeu o primeiro bebê... — A última coisa que Chris queria era aumentar a ansiedade da Billie.

— Billie é mais forte do que você acredita. — Carly deixou passar um indício de preocupação na voz ao continuar falando. — Ela pode ficar feliz por você. Tenho certeza de que ela não

acreditava que você encontraria um homem que iria querer se casar com você.

Chris sorriu.

— Eu não estava procurando um marido, mas um me foi dado mesmo que eu não quisesse. — ela não conseguiu impedir o sinal de irritação no tom. *Maldito Tior*. — Tive tempo de me acostumar com a ideia e decidi que ficarei com ele.

— Ele não é um cão que você pode doar se ele se comportar mal. — Carly disse com severidade. — Que tipo de homem deixaria você tratá-lo assim?

Chris bufou.

— Confie em mim, Fox responde na mesma moeda. — ela torceu o nariz. — E você está certa, ele não é um cão. Embora eu acredite que ele costumava se assemelhar a um gato perdido, subindo em qualquer fêmea disposta.

Carly fechou os olhos e respirou diversas vezes.

— Você disse Fox? Como em Marquês de Foxworth.

— Entendeu rápido. — Chris riu. — Eu não o chamo de Fox, claro. Uso o nome dele, mas você não saberia disso. Queria ver o quanto você estava me ouvindo.

Carly balançou a cabeça, descrença evidente em suas feições.

— Você está mesmo casada, e com ele. — ela ficava balançando a cabeça como se não acreditasse. — Pensei que você o odiava.

— Não o odeio *mais*. — ela jogou o queixo para cima. — Isso é o que importa.

— Ó, céus. — Carly disse. — Você nunca vai mudar, vai? — Carly curvou os lábios, formando um sorriso. — Contudo, se está feliz, eu estou feliz. Conte-me como esse casamento aconteceu. Ele te ama? Você o ama?

Chris ergueu uma sobrancelha em um ângulo peculiar.

— Tantas perguntas. Por onde devo começar?

— Espero que esteja preparada para mais. Billie terá mil perguntas a mais do que eu. Ela é superprotetora conosco, e bem, estamos falando de Fox. Ele não é conhecido por sua habilidade de permanecer fiel.

— Ele não vai se desviar. Sabe que vou estripá-lo se o fizer. — Chris pôs um sorriso satisfeito no rosto. — Eu atirei nele uma vez, ele leva minhas ameaças a sério.

— Chris. — ela disse em tom de paciente. — Por favor, diga que não atirou no seu marido.

— Ele não era meu marido na época. — ela disse sem emoção.

— Isso faz toda a diferença. — Carly disse com sarcasmo. — Agora me fale do casamento.

— Não foi memorável. Gostaria de esquecê-lo, na verdade. Cada vez que penso nesse dia, fico ainda mais brava. Aquele detestável do Conde de Tior me forçou a casar com Fox porque eles têm uma rivalidade de longa data. Um dia eu poderia ajudá-lo a entrar em um casamento indesejado, ver como ele gosta.

— Pode ser anulado. — Carly sugeriu.

— Não. — Chris disse com veemência. — Pode não ter sido o que eu queria na época, mas agora é. — ela parou de falar por um instante, e disse: — Você perguntou se eu o amava.

— Perguntei. — Carly disse baixinho. — E ama?

Ela sorriu.

— Sim, e ele me ama. Às vezes, enlouquecemos um ao outro um pouco, mas o amor permanece.

— Então, creio que precisamos planejar como contaremos à Billie. — Carly franziu a testa. — Onde está seu marido?

— Ele foi visitar um amigo. — ela inclinou a cabeça. — O Conde de Sheffield, se não me engano. Ambos estarão aqui para o jantar, então espero que cheguem em breve.

Carly se retesou por uma fração de segundo, o que deixou Chris curiosa. Ela tinha sentimentos por Lorde Sheffield? Que intrigante...

Elas estavam prestes a sair quando Lorde Sheffield apareceu. Parecia um pouco distraído, mas logo se mostrou surpreso ao encontrar as duas ali. Ele ficava roubando olhares de sua gêmea. Com certeza, havia algo entre Carly e Lorde Sheffield. Chris esperava que sua irmã contasse, mas não a pressionaria por informações. Pelo menos, ainda não.

— Peço desculpas. — disse ele. — Não sabia que havia alguém aqui. — ele se virou para sair.

— Não vá. — Chris disse, esperando estudar Carly e Lorde Sheffield um pouco mais. — Estávamos prestes a partir. Pode ficar aqui se quiser.

— Ela tem razão. — Carly respondeu, em seguida, sorriu. — Embora o jantar deva ser anunciado em breve. Talvez possa visitar a biblioteca mais tarde.

— Sim, é verdade. — ele disse. Ele encontrou o olhar dela e inclinou os lábios para cima. Em seguida, virou o olhar para Carly, e de volta para Chris. — Eu poderia escoltá-las para a sala de estar.

— Seria adorável. — Chris disse. — Por acaso, viu o meu... Lorde Foxworth? — ela se corrigiu antes de dizer “meu marido”.

— Pode se referir a ele como seu marido comigo. Presumo que já tenha contado à sua irmã. — os lábios se contorceram como se estivesse lutando contra um sorriso.

Chris estreitou o olhar.

— E se eu não tivesse contado? Teria arruinado tudo.

— Arruinei? — ele levantou uma sobrancelha, e virou-se para Carly. — Não sabia do casamento da sua irmã?

— Creio estar com sorte, e ela ter me informado há alguns instantes — ela olhou de relance para sua gêmea. —, ou eu temeria por sua saúde.

— Terrível assim? — ele riu de leve.

— Há algo que eu não saiba? — Chris olhou entre os dois. Não estavam enganando ninguém. Bem, ninguém que prestasse atenção. — Vocês dois estão muito familiarizados um com o outro.

— Não, não estamos. — Carly disse muito rápido. — Está lendo demais em uma troca inocente.

— Aí está você. — Fox anunciou ao entrar na biblioteca. Sorriu com ternura para a esposa. — Suas irmãs estão perguntando por você. Eu me ofereci para procurá-la. — ele virou-se para Lorde Sheffield. — Não sabia que tinha se desviado para cá. Tentando garantir que você não seja o meu segundo, se Graystone exigir satisfação.

— Pare. — Chris bateu de leve no ombro dele. — Ele não fará tal coisa. — ela olhou para o conde. — E mesmo que o faça, talvez prefira a ajuda de Lorde Carrolton. Ele parece mais confiável. — ela não conseguiu evitar esta última alfinetada.

— Venha, meu amor. — ele disse devagar, ao entrelaçar o braço com o dela. — Não há tempo como o presente para enfrentar um carrasco. Tenho certeza de que sua irmã não vai me bater. Graystone pode querer, mas se conterà até que a esposa não esteja presente. Até lá, podemos escapar, e estar sãos e salvos em casa.

Eles caminharam para longe de Carly e Lorde Sheffield. Carly parecia querer falar com ele a sós. Chris entendia a necessidade. Ela gostaria de voltar para casa para ficar sozinha com o marido.

— Realmente acredita que não vão aceitar nosso casamento? — perguntou ela.

— Duvido. — disse ele. — Graystone é razoável... na maior parte do tempo.

Eles entraram na sala de estar, e todos estavam sentados.

— Onde estão Carly e Lorde Sheffield? — Billie perguntou. — O jantar deve estar pronto em breve.

— Eles se juntarão a nós em breve. — Chris disse. — Estavam bem atrás de nós. — não mencionou que poderia demorar mais do que ela insinuou. — Temos novidades que gostaríamos de compartilhar.

— Têm? — Billie disse e ajeitou a coluna. Ela esfregou a barriga enquanto falava, ainda faltava pouco mais de um mês até o nascimento. — O que é?

— Estamos casados. — Fox anunciou. — Por isso, o pequeno atraso. — Nenhum deles mencionou o casamento forçado, ou a convalescença dele. Decidiram ser melhor manter um discurso simples.

Graystone revirou os olhos.

— Isso é tudo?

— Não está com raiva? — Chris perguntou, confusa.

— Esperava que eu estivesse? — ele levantou uma sobrancelha. — Eu poderia estar se ele não tivesse se casado com você. Teria sido melhor se tivesse esperado, claro, mas está tudo bem, tudo ficou bem. — ele sorriu. — E agora você é problema dele e não meu. Isso é um presente para mim.

Billie assentiu.

— Vocês dois brigavam demais. O que me fazia imaginar se havia algo mais aí. — ela sorriu de leve. — E enquanto você estiver feliz, é tudo o que realmente importa.

Chris balançou a cabeça. Estava ansiosa por nada. Olhou para o marido e sorriu.

— Estou feliz.

Ela o amava, e ele a amava. O que mais ela poderia precisar?

sobre a autora

Autora best-seller do USA TODAY, DAWN BROWER escreve romances históricos e contemporâneos. Há sempre histórias dentro de sua cabeça; ela nunca pensou que poderia fazê-los ganhar vida. Essa criatividade por fim encontrou uma saída.

Enquanto crescia, ela era a única garota de seis filhos. Ela é mãe solteira de dois adolescentes; nunca há um segundo maçante em sua vida. Ler livros é seu passatempo favorito, e ela ama todos os gêneros.

